

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA**

GIORDANA BUENO LONGONI

A LITERATURA DE FICÇÃO HISTÓRICA LGBTQ+ E SEUS PÚBLICOS

Percepções sobre o passado, a disciplina e os historiadores

PORTO ALEGRE

2024

GIORDANA BUENO LONGONI

A LITERATURA DE FICÇÃO HISTÓRICA LGBTQ+ E SEUS PÚBLICOS

Percepções sobre o passado, a disciplina e os historiadores

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador:

Prof. Dr. Pedro Telles da Silveira

Porto Alegre

2024

CIP - Catalogação na Publicação

Longoni, Giordana Bueno
A literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ e seus
públicos: percepções sobre o passado, a disciplina e
os historiadores / Giordana Bueno Longoni. -- 2024.
65 f.
Orientador: Pedro Telles da Silveira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em
História, Porto Alegre, BR-RS, 2024.

1. Ficção Histórica. 2. Consumo de história. 3.
história popular. 4. estudos de recepção. I. Silveira,
Pedro Telles da, orient. II. Título.

GIORDANA BUENO LONGONI

A LITERATURA DE FICÇÃO HISTÓRICA LGBTQ+ E SEUS PÚBLICOS:

Percepções sobre o passado, a disciplina e os historiadores

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Pedro Telles da Silveira

CONCEITO: A

APROVADO EM: 23 de fevereiro de 2024

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Pedro Telles da Silveira (orientador - UFRGS)

Prof. Dr. Benito Bisso Schmidt (UFRGS)

Prof^a. Dr^a. Renata Dal Sasso Freitas (UNIPAMPA)

*History repeats itself. Somebody says this.
History throws its shadow over the beginning, over the desktop,
over the sock drawer with its socks, its hidden letters.*

*History is a little man in a brown suit
trying to define a room he is outside of.
I know history. There are many names in history
but none of them are ours.*

Richard Siken

RESUMO

Este trabalho procura entender como leitores do gênero de Ficção Histórica LGBTQ+ recebem as representações do passado histórico oferecidas por essas obras. Mais especificamente, procuramos compreender de que formas os leitores respondem afetivamente a essas produções, como recebem as informações históricas presentes nelas, e como as relacionam com o seu conhecimento histórico anterior e com o que consideram ser o trabalho de um historiador. Para isso, propomos a análise dos comentários de leitores do gênero publicados em plataformas virtuais de interação entre leitores e consumidores, os considerando como pertencentes a uma comunidade interpretativa. Mostramos que leitores do gênero se relacionam de formas afetivas com essas obras, se identificando com suas representações, e as considerando importantes fontes de representatividade histórica para a comunidade LGBTQ+. Essas obras também são consideradas por seus leitores ferramentas de aprendizado sobre o passado mais interessantes e efetivas do que um livro de história. Além disso, essas produções possibilitam e incentivam a criação de discursos sobre a disciplina Histórica que desafiam e questionam seus pressupostos teórico-metodológicos e o papel do historiador como figura autorizada a interpretar e representar o passado apropriadamente.

Palavras-chave: Ficção Histórica LGBTQ+; história popular; consumo de história; estudos de recepção.

ABSTRACT

This work seeks to understand how readers of the LGBTQ+ Historical Fiction genre receive the representations of the historical past offered by these works. More specifically, we seek to understand how readers respond affectively to these productions, how they receive the historical information present in them, and how they relate it to their previous historical knowledge and with what they consider to be the work of a historian. To this end, we propose the analysis of comments from readers of the genre that are published on virtual platforms of interaction between readers and consumers, considering these readers as members of an interpretive community. We show that readers of the genre relate emotionally to these works, identifying with their representations, and considering them important sources of historical representation for the LGBTQ+ community. These works are also considered by their readers to be more interesting and effective learning tools about the past than history books. Furthermore, these productions enable and encourage the creation of discourses about the Historical discipline that challenge and question its theoretical-methodological assumptions and the role of the historian as a figure authorized to interpret and represent the past appropriately.

Keywords: LGBTQ+ Historical Fiction; popular history; consume of history; reception studies.

SUMÁRIO

Apresentação	8
A Ficção Histórica LGBTQ+ e seus autores	10
Os públicos da Ficção Histórica LGBTQ+.....	13
História Popular e consumo de história	16
Organização do trabalho	18
Primeira parte.....	20
1.1 O passado e seus habitantes vivos: sobre ler a história afetivamente.....	21
1.2 Sempre estivemos aqui: leitores LGBTQ+ e a representatividade histórica.....	24
1.3 Mulheres <i>trans</i> também merecem finais felizes: leitores e a tragicidade da história	28
Segunda parte	31
2.1 Visões do passado: leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ e suas viagens no tempo	32
2.2 Aprendi muito, mas não tenho certeza: leitores e o conhecimento histórico	35
2.3 Chato como um livro de História: percepções sobre a disciplina.....	40
2.4 Revelações do passado: percepções sobre os historiadores.....	44
Considerações finais	52
Referências	55
Apêndices	60

Apresentação

Para entendermos as formas como a sociedade se relaciona com a sua história, podemos nos voltar para as formas como ela *imagina* o passado e o *representa*. A cultura popular, reflexo das preocupações de seu tempo, possibilita a criação de discursos sobre o passado que dão indícios sobre como cada grupo percebe a si mesmo e a sua relação com o tempo e com o mundo ao seu redor. A literatura e o romance, como formas de negociar com a realidade e explorá-la por diferentes perspectivas, são espaços privilegiados para a criação desses discursos.

A literatura de Ficção Histórica, também conhecida como Romance Histórico, é apenas uma dessas formas de representação do passado histórico. O gênero que conhecemos hoje é um desenvolvimento do Romance Histórico Moderno, usualmente exemplificado pelas obras do inglês Walter Scott, e caracterizado pela representação de um passado histórico reconhecível, na forma de um romance (Weinhardt, 2011). Atualmente, suas transformações impedem que possamos identificar uma única forma de romance histórico; são vários subgêneros, com diferentes convenções e temáticas, escritos para públicos variados.

Mesmo diversas, as narrativas sobre o passado possibilitadas e incentivadas por esses gêneros nos dão pistas valiosas para compreender como uma sociedade entende o seu próprio passado histórico a cada momento de sua história. Percebemos como essas narrativas se multiplicam e diversificam, acompanhando as transformações identitárias de diferentes grupos, suas autorrepresentações, e suas demandas para com a disciplina Histórica.

Esta investigação limita-se a um subgênero específico da Ficção Histórica, mas suas contribuições não pretendem se limitar a ele. Apesar de suas particularidades e dos diferentes objetivos que procuram alcançar, cada subgênero traz desafios similares para a historiografia acadêmica, a tensionando, desafiando e desestabilizando. O estudo da Ficção Histórica e de sua relação com a disciplina Histórica são essenciais para entendermos o papel de ambas na sociedade que as produz.

Apesar de considerarmos a análise dos conteúdos dessas obras importante para entendermos como o passado é representado, para esta pesquisa, procuramos estudar os seus leitores para entendermos como essas representações são *recebidas*. Não somente os discursos sobre o passado que o gênero cria, mas as respostas que ele incentiva: sobre como essas representações do passado são aceitas, rejeitadas, e para quais fins são compartilhadas. Nesse sentido, procuramos identificar nos leitores, em suas respostas às obras de Ficção Histórica, indícios que nos auxiliem a compreender como um determinado grupo relaciona o passado histórico e suas diferentes representações, tanto na Ficção, quanto na História.

Aqui, entendemos que o passado não nos é acessível diretamente, e só pode ser representado. A historiografia é apenas uma dessas representações, e diferencia-se das outras por sua disciplinarização e por sua pretensão ao que chama de verdade. O historiador, como figura autorizada para falar sobre o passado, cria representações sobre ele, sempre em forma de narrativa, com um início, um meio e — se ousar — um fim; similar, portanto, ao trabalho do romancista.

Esta pesquisa propõe uma análise da recepção de obras do gênero de literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ para entender como seus leitores percebem o passado e a disciplina Histórica a partir das representações encontradas nessas obras. Partimos da percepção de que formas populares de unir história e ficção criam espaços de discussão e questionamento de temas pertinentes à Teoria da História e à Historiografia, e indicam debates proveitosos para as discussões sobre a função do historiador em cada sociedade.

A literatura de Ficção Histórica, como uma das formas populares de envolvimento com o passado e com suas narrativas tradicionais, pode nos dar indícios do que grupos esperam e demandam da História como disciplina. Entender a Ficção Histórica LGBTQ+ como gênero literário de crescente sucesso, que incentiva discursos sobre o passado e sobre a História cada vez mais aperfeiçoados, pode nos indicar que significados esse público leitor, em particular, dá para sua relação com o passado histórico e com as diferentes interpretações sobre ele que disputam espaço no discurso público e na imaginação popular. Sendo assim, esta pesquisa pretende analisar como leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ recebem as representações históricas oferecidas pelo gênero, e que discursos sobre o passado, sobre a disciplina Histórica e sobre os historiadores criam e incentivam a partir delas. Mais especificamente, procuramos entender como o passado é experienciado durante a leitura dessas obras, que categorias são mobilizadas para dar sentido à essa experiência, e como elas interferem nas percepções desse público sobre o passado e sobre a História. Para alcançar esses objetivos, propomos aqui uma análise qualitativa dos comentários dos leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ em espaços virtuais de compartilhamento de informações e avaliações sobre essas obras.

A Ficção Histórica LGBTQ+ e seus autores

Chegamos, então, a uma definição de Ficção Histórica LGBTQ+: é um gênero literário “*comprising imaginatively fictionalized stories about gay and lesbian people in the past*” (Jones, 2007, p. 2); que pode ser atualizada para incluir outras denominações de identidade e gênero reconhecidas atualmente pela — e pelo nome de — comunidade LGBTQ+. Evidentemente, essas obras nem sempre são facilmente identificáveis: são os subtextos, os indícios, as referências codificadas — sempre muito frequentes em textos históricos com teor homoafetivo. Como escopo deste trabalho, considera-se que é literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ todas as obras *que são vendidas como tal*.

De todos os nichos que a literatura de Ficção Histórica explora, a Ficção Histórica LGBTQ+ é talvez a mais recente. Somente em 2023 tornou-se uma categoria própria em sites de compras; antes disso, aparecia em algumas listas e compilações de livros como temática, com diversos nomes. A Ficção Histórica LGBTQ+ então, recentemente começou a ser vendida como gênero literário, inclusive incluindo alguns títulos retroativamente, como *Maurice* (Forster, ca. 1913) e *Brideshead Revisited* (Waugh, 1945).

Somente na Amazon, existem hoje mais de 2000 títulos na categoria Literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ anunciados na plataforma. Estes constituem menos de 4% do total de obras da categoria Ficção LGBTQ+, e 3,3% da Ficção Histórica como um todo. Apesar do pequeno número de produções, a maioria são textos publicados na última década; o que evidencia o constante crescimento do gênero.

Sarah Waters identificou, em 1995, a Antiguidade Greco-romana como o mais importante ponto de referência histórica de toda a Ficção Histórica LGBTQ+ ocidental desde o final do século XIX até o seu presente. A literatura e a arte clássicas eram atraentes porque ofereciam evidências de um sistema social onde homossexuais pertenciam ativamente e publicamente das esferas políticas, sociais e militares — o que era negado aos homens que criavam essas representações (Waters, 1995). Atualmente, as referências à Antiguidade continuam sendo destaque no gênero, considerando o estrondoso e persistente sucesso de títulos como *The Song of Achilles*, de Madeline Miller (2011), que propõe uma releitura da *Ilíada* focando no romance de Aquiles e Pátroclo; e da trilogia de Mary Renault (*Fire From Heaven*, 1969; *The Persian Boy*, 1972; *Funeral Games*, 1981), um relato ficcional da vida e do legado de Alexandre, o Grande e de seus companheiros. Não são produções abundantes como eram no século passado, mas continuam sendo narrativas ficcionais exclusivamente masculinas.

As temáticas das obras mais vendidas podem indicar que discussões sobre o passado o seu público está fazendo atualmente. A Ficção Histórica tem um interesse primordial em contar histórias relevantes para os públicos que as leem, no presente. Um grande exemplo disso é o sucesso do romance *Pull of the Stars* (Donoghue, 2020), que conta histórias ficcionais de médicas e enfermeiras durante a pandemia de Influenza, e que foi elogiado por sua relevância ao presente por pelo menos dois anos depois de seu lançamento, no início da pandemia de Covid-19.

Além deste, podemos identificar outros temas recorrentes atualmente: gênero e suas expressões, como romance entre mulheres no passado (*Life Mask*, 2004) ou personagens com identidades de gênero dissidentes (*A Lady for a Duke*, 2021; *Confessions of the Fox*, 2018; *An Unsuitable Heir*, 2017); etnicidade e multiculturalismo, como histórias da escravização (*The Prophets*, 2021; *All to Pieces*, 2017) e da imigração (*Last Night at the Telegraph Club*, 2021); e de personagens e histórias locais e nacionais, como de Nova York (*The Great Mistake*, 2021) e da Malásia (*The House of Doors*, 2023). Os grandes eventos da história, como guerras (a Primeira Guerra Mundial em *In Memoriam*, 2023; a Segunda Guerra Mundial em *Virgin Flight*, 2023), momentos políticos (Era McCarthy em *Fellow Travellers*, 2007) e grandes crises (a Gripe Espanhola em *Pull of the Stars*, 2020) também são temas centrais de algumas das obras mais vendidas do gênero em dezembro de 2023.

Assim como a historiografia questiona o passado a partir de preocupações do presente, a Ficção Histórica LGBTQ+ é guiada pelas preocupações historiográficas de seus autores e de suas sociedades (Waters, 1995). Nesse sentido, podemos compreender tanto a popularidade do gênero em nossa época quanto dos passados que essas obras procuram explorar. A própria definição do gênero *como gênero* pode ser explicada pela centralidade de questões relacionadas à comunidade LGBTQ+ no discurso público contemporâneo, e pelas condições políticas e sociais que permitem que essas obras sejam escritas e que se tornem sucesso de vendas. Seus temas subjacentes — considerando o foco desta pesquisa na temática LGBTQ+ —, como raça, classe e dinâmicas de poder, também refletem o interesse do público em discutir esses assuntos e explorá-los historicamente.

Apesar da diversidade de temas populares, é evidente, porém, que o imaginário dessas histórias LGBTQ+ ainda privilegia narrativas europeias, brancas e masculinas (Apêndice 1). Destaca-se, também, o monopólio do gênero por escritoras mulheres e brancas — o que já é uma tendência da literatura de Ficção Histórica desde a segunda metade do século XX (Waters, 1995). Com muita frequência, essas autoras utilizam-se de pseudônimos, nomes unissex ou iniciais para disfarçar suas identidades (Whalen, 2017); como por exemplo, a autora KJ Charles,

que escreve principalmente romances históricos sobre homens gays.

Os trabalhos acadêmicos sobre a Ficção Histórica LGBTQ+ são poucos e esparsos, produzidos sempre no contexto do Norte Global. O primeiro deles é a tese de Sarah Waters — também romancista do gênero —, que oferece um estudo dos modos pelos quais a comunidade LGBTQ+ recorre a exemplos históricos como forma de autodefinição, resistência, e de celebração (Waters, 1995). Waters considera esse gênero de produções como *autorrepresentações retrospectivas* LGBTQ+, formas da comunidade se autodefinir utilizando o passado histórico; e inclui em sua pesquisa produções culturais variadas, dando pouca atenção ao romance histórico. Para ela, as tendências de interpretação do passado encontradas nessas obras dão indícios de como esse grupo percebe a si mesmo em relação ao seu passado, ou ao passado que adota como seu, ao longo do tempo. Percebemos, porém, que em nosso caso o conceito de autorrepresentação de Waters pode ser insuficiente, pois, como vimos, muitos autores desse gênero não pertencem ao grupo que pretendem representar em suas obras.

Norman Jones (2007), o primeiro a definir o gênero de literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ (que ele denomina *gay and lesbian historical fiction*, assim como Waters), o relaciona com temas narrativos cristãos e identifica algumas sobreposições entre eles. Para este trabalho, o que nos interessa são os *tropos literários* identificados por Jones como pertencentes ao gênero de Ficção Histórica LGBTQ+: identificação, transformação, e comunidades escolhidas. Esses tropos nos auxiliam a entender de onde partem os comentários dos leitores e que expectativas literárias e emocionais têm ao lerem as obras — e como elas são transformadas para incluírem, também, expectativas para o discurso historiográfico.

No ano seguinte, a tese de Mandy Koolen mostrou como a Ficção Histórica LGBTQ+ provoca respostas afetivas em seus leitores, identificações ou desidentificações, empáticas ou violentas, que influenciam suas ações políticas no presente (Koolen, 2008). Pela análise do conteúdo de algumas obras, Koolen estuda como os sentimentos de afeto e de identificação histórica operam no gênero, e como são mobilizados para motivos políticos e educativos. Suas conclusões, apesar de interessantes, perdem consideravelmente seu impacto pois, como veremos, existem frequentemente verdadeiros abismos entre o que um autor pretende com um texto e a forma como um leitor o interpreta.

Mais recentemente, Naoise Murphy (2021) considerou a Ficção Histórica LGBTQ+ (que ela chama de *Queer Historical Novel*) uma ferramenta transformadora e questionadora da própria disciplina Histórica e de suas produções, em uma defesa do uso da categoria “*queer*” na historiografia. Murphy destaca a desconfiança que esse gênero costuma ter da historiografia, e o seu papel como ferramenta de reafirmação política e identitária da comunidade LGBTQ+

no presente; posições que, com frequência, são compartilhadas pelos nossos leitores.

Percebemos, então, que esses trabalhos — apesar de oferecerem considerações importantes — estão muito distantes de responderem todas as questões que podemos fazer a um gênero literário. Como veremos, algumas respostas dos leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ estão de acordo com o que esses acadêmicos escreveram; mas outras destoam completamente deles. Além das divergências entre as formas de nomear essas ficções, esses autores apresentam diferentes formas de perceber esses textos — mas nunca os consideram em sua totalidade. O que oferecemos nesta investigação, um panorama do gênero de literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ e de seus temas, e uma análise do comportamento e das percepções de seus leitores, pode não somente dialogar com esses trabalhos, mas também desafiá-los.

Os públicos da Ficção Histórica LGBTQ+

A Ficção Histórica é raramente estudada pelo ponto de vista do leitor. Temos como referência o trabalho de Goldstein (2022), que estudou títulos clássicos da literatura estadunidense que dialogam com o passado histórico. Ele mostra que autores, frequentemente, pressupõem que um texto afeta e transforma seus leitores, mas deixam de olhar para como os próprios leitores reagem ao texto. O leitor ideal é muito diferente dos leitores *reais*; e as interpretações acadêmicas ou profissionais de uma obra podem estar muito distantes das formas como o público a recebe, e dos significados que dá para ela (Willis, 2018; Goldstein, 2022).

O tema da Ficção Histórica LGBTQ+, como vimos, possui poucos trabalhos acadêmicos, e nenhum deles o aborda sob o ponto de vista de seus leitores. Autores como Waters (1995) e Jones (2007), embora essenciais para entendermos o gênero e as narrativas que ele oferece, falham em demonstrar que relações essas obras estabelecem com seus públicos: que sentimentos a Ficção Histórica LGBTQ+ traz para seus leitores? Que discursos são potencializados por essas obras? Que conexões os leitores fazem entre a ficção que leem e o conhecimento histórico que possuem? Para além de entender o conteúdo dessas obras, seus propósitos e tipologias, consideramos necessária a avaliação de como os leitores as *recebem*.

Por isso, propomos estudar a literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ a partir do ponto de vista de seus leitores. Isso implica entender as formas como o leitor interpreta um texto, responde a ele, e o utiliza para determinados objetivos (Willis, 2018). A importância e o significado de uma obra dependem não só das visões dos críticos e dos acadêmicos, mas também das respostas concretas de leitores comuns (Goldstein, 2022); e, por isso, podemos encontrar frequentemente posições distintas entre esses três grupos.

Consideramos, aqui, os produtores e consumidores do gênero de Ficção Histórica LGBTQ+ como pertencentes a uma *comunidade*. Suas opiniões nem sempre são coincidentes — afinal, nenhum sujeito é idêntico ao outro —, mas tendem a um consenso. Essa coincidência de valores é o que nos permite analisar os leitores como um grupo; além do frequente uso do pronome “nós” para referir-se ao grupo de leitores ou à comunidade LGBTQ+. Como resultado, os comentários às obras podem ser entendidos não como opiniões individuais ou coincidências ocasionais, mas como percepções que são compartilhadas por um grande grupo de pessoas. Ver esses leitores como um grupo nos auxilia a entender que reações e ideias são criadas ou potencializadas por esse gênero.

Esta pesquisa, então, considera os comentários de livros diferentes como parte de um todo. Algumas obras são mais elogiadas do que outras, ou oferecem representações do passado controversas que incitam respostas animadas dos leitores. Mas, como não estudamos os conteúdos dessas obras, qualquer conclusão sobre uma representação particular ou outra não poderia ser nada além de superficial.

Esses comentários são aqui entendidos como registros das experiências individuais de leitura desse público. O processo de leitura, como um processo ativo de interação com uma obra, incentiva seus leitores a não apenas interpretar as marcas de tinta na página, mas também a relacionarem o que leem com o que sentem, com o que veem, com o que conhecem. Cada experiência de leitura é diferente e, por meio desses comentários, encontramos indícios das formas como cada indivíduo relaciona-se com uma obra e com o mundo ao seu redor.

Apesar do caráter individual e privado da leitura, o impulso a comentar sobre um livro — mesmo na internet, mesmo com estranhos — a torna uma experiência também *social* (Wallace, 2016). Essas formas de interação possibilitam a formação de comunidades de leitura em torno de gêneros específicos. Cada grupo se comporta de forma diferente, mas, mesmo assim, se comporta *como grupo*. Em nosso caso, a Ficção Histórica LGBTQ+ e a própria Ficção LGBTQ+ criam e são criadas por relações sociais (Bergenmar, 2023). Os comentários são, também, vestígios dessas relações.

Espaços virtuais de manifestação de leitores e de interações entre eles favorecem, como veremos, o compartilhamento de perspectivas sobre o passado, suas representações, e a disciplina histórica que podem ser produtivas para entendermos não somente esse público e esse gênero literário específico, mas também as formas como as pessoas se relacionam com o passado e com a História. A internet é uma ferramenta que potencializa a atividade de leitura e promove o compartilhamento de opiniões entre *comunidades interpretativas* (Azevedo *et al*, 2015): leitores que compartilham de estratégias de leitura e que as utilizam como base para

validar interpretações autorizadas de um texto (Fish, 1980; Goldstein, 2022; Schramm, 2006). Por isso, os comentários que analisamos parecem ser, em grande medida, similares.

Certamente, essas obras também foram lidas por aqueles de fora dessa comunidade, e que não tinham nenhum interesse em participar dela. Suas posições, geralmente, são facilmente identificáveis e classificadas como fora da curva; ainda mais quando são abertamente preconceituosas e contrárias à própria existência dessa literatura (quando não dos seus autores e leitores). De grande parte, esses comentários não foram considerados, pois entendemos que esses leitores não são consumidores dessas obras ou seu público-alvo. Da mesma forma, sabemos que os leitores não pertencem todos à comunidade LGBTQ+ e, talvez, nem os seus autores. Mesmo assim, podemos pressupor que eles são, ao menos, simpáticos à causa.

Para a Literatura LGBTQ+, a autopublicação e a auto divulgação de obras foram os principais métodos de autorreprodução do gênero. Ausentes e excluídas de espaços formais de publicação, esses gêneros sobreviviam a partir do próprio esforço de seus autores e leitores (Bergenmar, 2023). Antes da internet, obras eram compartilhadas por redes de comunicação entre interessados; essas redes, depois, tornaram-se virtuais.

As características específicas dos métodos de sobrevivência da Literatura LGBTQ+ influenciam, também, as formas pelas quais a Ficção Histórica LGBTQ+ é incentivada e compartilhada. Antes de ser considerada como um gênero independente, obras de Ficção Histórica LGBTQ+ eram compartilhadas pelos seus autores e entre leitores em espaços virtuais de interação entre eles. Os autores eram responsáveis por divulgar suas produções entre públicos interessados, e estes, auxiliavam na sua divulgação: recomendando, categorizando e dando visibilidade às obras do gênero.

Atualmente, a Literatura LGBTQ+ já conquistou certa visibilidade, e não precisa mais depender de esforços individuais — apesar destes continuarem existindo — para sua sobrevivência. Editoras publicam dezenas de obras de Ficção LGBTQ+ anualmente, principalmente para o público jovem-adulto. No mercado editorial brasileiro, por exemplo, vários autores, como Clara Alves e Vitor Martins, já mantêm um público leitor estável e uma produção constante o suficiente para serem reconhecidos. Dependendo de seus círculos sociais e do ambiente onde vivem, leitores não precisam esconder o que leem e, mesmo em situações mais restritivas, podem, geralmente, participar dessas comunidades virtuais de leitores de forma segura. A literatura de Ficção Histórica LGBTQ+, embora mais recente, por extensão, também se beneficia dessas mesmas condições.

História Popular e consumo de história

Procuramos entender o gênero de literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ em um contexto mais amplo que articula representações populares do passado, interesses sociais e políticos de um grupo, e uma lógica de mercado específica. Assim, delimitamos o nosso embasamento teórico utilizando os conceitos de história popular e consumo de história que, de diferentes formas, contribuem para nossas reflexões.

Convivemos com uma grande diversidade de formas de representação do passado histórico que disputam espaço na imaginação popular e — em nosso caso — no mercado literário. Para a comunidade LGBTQ+, o interesse nessas representações é decorrente não somente da curiosidade com o passado, mas também dos efeitos políticos e sociais que a circulação dessas narrativas pode causar, podendo beneficiar diretamente a visibilidade e atuação política desses sujeitos. Além disso, como veremos, ver-se representado no passado desperta emoções importantes para o bem-estar desse grupo.

Podemos considerar o gênero de literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ a partir da definição de História Popular: representações históricas direcionadas a públicos amplos de não-especialistas, que podem ser analisadas não somente pelo seu conteúdo, mas também pela sua forma e pelos seus meios de produção, disseminação e de consumo (Korte; Paletschek, 2017). Importando contribuições da área de Estudos Culturais, a História Popular considera essas obras como simultaneamente produções culturais e *produtos* que seguem uma lógica de mercado específica.

Essas produções criam e compartilham imagens do passado que têm um impacto cultural e social significativo, e influenciam diretamente as percepções contemporâneas sobre a história. Como gênero literário de crescente sucesso, a Ficção Histórica LGBTQ+ responde necessariamente às demandas de seus públicos consumidores, que frequentemente procuram histórias para serem usadas no presente: como forma de legitimação social e política, de construção de identidades individuais e coletivas, ou até mesmo para o entretenimento (Korte; Paletschek, 2017; Groot, 2009). Nesse sentido, as representações do passado oferecidas por essas obras são legitimadas pela própria repercussão do mercado literário — que depende, também, do seu êxito em alinhar-se com as opiniões e expectativas de seus consumidores (Sarlo, 2007).

Isso significa que essas obras oferecem representações do passado que são em grande parte aceitas entre seus leitores. Se são aceitas, são vendidas — e se são vendidas, são lidas por

um número cada vez maior de pessoas. Essa condição potencializa a própria reprodução dos sentidos oferecidos por essas obras; e, por isso, têm um valor político tão importante.

A história tornou-se um bem consumível que mobiliza um mercado gigantesco de produções culturais (Groot, 2009), que possuem relações recíprocas e ao mesmo tempo complexas com a História acadêmica (Korte; Paletschek, 2017). O crescimento desse mercado se deu de forma independente do trabalho dos historiadores — e, como veremos, frequentemente *em oposição* a eles.

Aos leitores, essas definições podem parecer similares ao que conhecemos no Brasil como História Pública. Diversos autores já trabalharam com Ficção Histórica utilizando esse conceito, o que é um caminho teórico válido e que produziu, até agora, boas discussões. O que a História Pública nos diz, porém, é que quando o historiador faz história, ele deve fazê-la *com* o público, e não *para* ele. Em nosso caso, como mostramos ao decorrer deste trabalho, a Ficção Histórica LGBTQ+ é frequentemente considerada uma produção feita *pelo* público *contra* e *a despeito* dos historiadores. A construção de narrativas sobre o passado se esquia do trabalho e da figura do historiador, e frequentemente considera ele um empecilho para o acesso e para a compreensão do passado. Nesse sentido, a preferência pelo conceito de “história popular” busca distanciar este trabalho daqueles vinculados às discussões sobre “história pública”, e pela aproximação àqueles que trabalham a história como um gênero comodificado de produções culturais — como Jerome de Groot (2010) e Alison Landsberg (2015).

É possível identificarmos, cada vez mais, um incomparável e crescente interesse no passado histórico pelos mais diferentes grupos (Harlan, 2007). Como resultado, percebemos simultaneamente um número cada vez maior de sujeitos que fazem perguntas ao passado, e de sujeitos que são autorizados a respondê-las (Gontijo, 2022; Malerba, 2017). Em comparação com a historiografia acadêmica, que não é considerada a mais importante e nem a mais interessante produção textual sobre o passado histórico (Harlan, 2007), a literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ — e outras representações populares do passado — oferecem versões do passado mais compreensíveis, e com uma nitidez narrativa e argumentativa que frequentemente falta à História acadêmica (Sarlo, 2007). Somando essas representações coesas e satisfatórias oferecidas pelas Histórias Populares com a criatividade e passionalidade que é particular ao romance, o que temos são produções culturais capazes de minar a autoridade do historiador como a única figura considerada capaz de mediar nosso conhecimento sobre o passado.

As obras de Ficção Histórica LGBTQ+, cujos comentários compõem o *corpus* documental desta pesquisa, devem ser entendidas nesse contexto mais amplo. São interpretações sobre o passado que se tornaram produto e estão sendo vendidas e compradas

por leitores de todo o mundo — alcançando um público maior do que qualquer historiador jamais conseguiu.

Organização do trabalho

A coleta de dados para esta pesquisa foi realizada com a ferramenta Web Scraper e manualmente entre os dias 17 e 20 de dezembro de 2023. Foram recolhidos mais de 4200 comentários das plataformas Amazon (4135) e Goodreads (102), que foram selecionados e categorizados até formarem o total de 735 comentários analisados por este trabalho. A escolha por essas duas plataformas é justificada por serem espaços virtuais de avaliação de livros que permitem certa interação entre os seus usuários.

A Amazon é o maior *website* de vendas do mundo, e foi a principal fonte de dados desta pesquisa. A plataforma não exibe todos os comentários de um produto, mas coloca em destaque aqueles feitos por usuários verificados (que compram com frequência), e aqueles que são marcados como *úteis* por um grande número de consumidores. Na seção de Livros, os comentários considerados úteis são, geralmente, aqueles que mostram opiniões sobre as obras que formam certo consenso entre os leitores. Os comentários foram coletados dos produtos que são vendidos na categoria de Ficção Histórica LGBTQ+: os seus 30 *bestsellers* e aqueles que apareceram nas primeiras 10 páginas dos títulos do gênero.

O Goodreads, por outro lado, é uma plataforma virtual de organização de leituras individuais, funcionando como uma rede social. Nela, os leitores podem criar listas colaborativas de obras, onde usuários adicionam títulos e votam para organizá-los em um *ranking*. Para esta plataforma, escolhemos analisar os comentários de um título representativo do gênero de Ficção Histórica LGBTQ+: *The Song of Achilles* (Miller, 2011), avaliado por mais de 1,4 milhão de usuários e mostrando um alcance maior do que qualquer outra obra do gênero.

Os 735 comentários que compõem as fontes desta pesquisa são referentes a 59 obras diferentes, classificadas e vendidas na Amazon como Literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ (Apêndice 2). Na Amazon Brasil, essa categoria ainda não existe,¹ e por isso, os comentários

¹Apesar de ainda não estarem sendo vendidas como tal, já existem algumas obras de autores brasileiros que podemos classificar como Ficção Histórica LGBTQ+, com personagens brasileiros e/ou no Brasil histórico. Alguns títulos: *Oito Minutos* (2016), de Fabiula Bortolozzo; *Homens Elegantes* (2016) e *Homens Cordiais* (2021), de Samir Machado de Machado; *O garoto no alto da torre* (2023), de Vinícius Fernandes; e *Sodomita* (2023), de Alexandre Vidal Porto. Infelizmente, como elas não aparecem nas principais listas da Amazon internacional, os comentários dessas obras nos escaparam durante a nossa coleta de dados; embora, por observação superficial, eles pareçam se encaixar na temática desta pesquisa. A análise dessas obras e da especificidade do caso brasileiro será reservada para outro momento.

foram recolhidos do *website* internacional. A nossa escolha por não mencionar os títulos das obras comentadas, parcialmente estilística, relaciona-se também ao nosso entendimento do gênero e de seus leitores como um grupo, e por não considerarmos as temáticas das obras durante a análise de sua recepção. Além disso, preferimos manter os comentários em seu idioma original, mesmo entendendo que essa decisão limita consideravelmente a própria acessibilidade do nosso trabalho. Algumas escolhas linguísticas dos leitores, se traduzidas, correm o risco de perder o sentido — a diferença entre “*story*” e “*history*”, principalmente.

Para atingirmos os objetivos desta pesquisa, procuramos entender como os leitores se relacionam com as representações do passado presentes nas obras do gênero, e com suas percepções sobre a disciplina histórica e os historiadores. Por isso, este trabalho está dividido em duas partes. Na primeira, analisaremos os comentários dos leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ para entender que relações são formadas entre esse grupo e as ficções que ele lê. Propomos entender essas relações a partir dos conceitos de afeto e de representatividade; que são ferramentas interessantes para compreendermos as conexões afetivas que esse gênero possibilita entre seus leitores, a literatura, e o próprio passado histórico.

Na segunda parte, buscaremos entender que percepções sobre a disciplina histórica são criadas ou potencializadas por essas obras. A partir dos comentários dos leitores, podemos compreender de que formas acreditam ser possível aprender história pela ficção, e sob que condições confiam no autor para oferecer interpretações válidas sobre o passado. Além disso, podemos perceber como esses leitores percebem a própria disciplina e os historiadores, e como relacionam a História com a Ficção. A partir desses comentários, podemos também problematizar algumas posições acadêmicas que buscam entender como os romances históricos funcionam.

Primeira parte

*Some books are just important. Important to read, to feel, to remember.
Some books remind us of where we came from and how much we have
gained. Some books can lift us up in a time of darkness and remind us
how strong we are to have gotten where we are.*

(Velvet Lounger, Amazon, 2017)

1.1 O passado e seus habitantes vivos: sobre ler a história afetivamente

Cada uma das diferentes formas de representar o passado histórico textualmente possui características particulares que levam um leitor a se interessar por ela. A literatura de Ficção Histórica, tanto por sua forma quanto por seu conteúdo, atrai leitores que procuram não somente conhecer o passado, mas também experimentá-lo e sentir-se parte dele:

Waters is a gifted magician. She conjures up rooms, clothing, accessories, the worn nap of a velvet chair and dishes. **You can actually hear the clatter of the silverware**².
(Booklover!, Amazon, 2014)

I felt like I was riding along with the characters on their journey to Oregon.
(Cartoongirl, Amazon, 2022)

I felt like I was there and I could see it, and smell it, and taste it.
(J. Turner, Amazon, 2021)

Os leitores do gênero valorizam as experiências pessoais e afetivas possibilitadas por esses livros. A Ficção Histórica, nesse sentido, não responde *o que aconteceu*, como faz um livro de História, mas sim sobre *como era estar lá* (Phillips, 2013). Como já afirmava Lukács, a esse gênero não interessa “repetir o relato dos acontecimentos magnos, mas ressuscitar poeticamente os seres humanos que viveram tal experiência”, fazendo com que o leitor apreenda “as razões sociais e humanas que fizeram com que os homens vivendo aquele tempo e habitando aquele espaço pensassem, sentissem e agissem da forma como o fizeram” (1963, p. 42). Nossos leitores sentem que veem, que escutam, e que experienciam o passado junto com os personagens, formando, então, conexões *afetivas* com o texto que leem (Murphy, 2021).

A literatura de Ficção Histórica não é a única que possibilita esse tipo de relação com o passado. Vários autores já identificaram uma enorme popularidade de formas afetivas de representação histórica: são os filmes, os eventos, e as experiências imersivas que possibilitam que o público veja de perto ou experiencie pessoalmente uma época diferente (Groot, 2010; Landsberg, 2015). Na Ficção Histórica, leitores frequentemente colocam-se no texto, imaginando o que fariam se estivessem no lugar dos personagens:

I'm glad I didn't live in that time period because **I don't think I could have survived all the hardships the pioneers had to endure**.
(JP Stewart, Amazon, 2020)

² Neste e em outros comentários citados, os trechos em negrito são destaques nossos, e não dos originais.

Essa forma de percepção facilita o sentimento de *empatia* com sujeitos do passado, possibilitando que experiências diferentes, antes distantes, tornem-se cada vez mais próximas do leitor. Como resultado, a Ficção Histórica colabora com o entendimento da urgência política de passados presentes por grupos cada vez maiores (Koolen, 2008). Leitores utilizam-se do texto para dar sentido às suas próprias relações com esses passados, identificando-se ou empatizando com os seus sujeitos:

And then there's the way Charles brings genderqueerness into the 1870s--long before there was the vocabulary we have today to discuss it--and reminds us that **people have always been people**, and have never fit neatly into boxes. She writes with a real understanding of **the need for community and a mirror that reflects your true self**, and the pain involved in hiding who you really are.
(River B, Amazon, 2017)

Percebemos, também, o sentido de *comunidade* encontrado nessas obras. Como sabemos, a História é uma importante ferramenta para grupos negociarem suas identidades coletivas (Korte; Paletschek, 2012) e delinearem um passado em comum (Schmidt, 2013). Mesmo diante de um texto ficcional, identificar-se no passado e perceber suas continuidades no presente (*people have always been people*) contribuem para o sentimento de pertencimento dos leitores.

Através da literatura, esses leitores também encontram formas de lidar com os passados traumáticos que ainda os afetam emocionalmente:

it will **make you grieve** at what gay men were subjected to back then (and still today in many countries).
(M. Bentley, Amazon, 2023)

The humanity and horror of this writing rings to my soul. I am as **lost in fear and hopelessness** reading this as of where we're going as a people now. (...) Please read this - **let us as a society never make these mistakes again**.
(Stampy, Amazon, 2022)

I think a lot about our queer elders, about the people since the beginning of time who have fought and suffered in the hopes of being able to exist in the ways that I often take for granted now. (...) **This book made me sad again for all of them and the lives I wish they could have had**. (...) It's a warm hug with a **little grief for all the ways queer people have had to adjust their hopes for their future**.
(Elisa, Amazon, 2023)

Essa relação afetiva com o texto é alcançada parcialmente através da demonstração de detalhes que tornam a história mais humana. O que interessa conhecer sobre o passado são os detalhes considerados ignorados pelos historiadores (Harlan, 2007): rotinas, costumes e sentimentos; sobre como era estar vivo no passado:

I totally enjoyed the detailed descriptions of the locale, the **day-to-day goings on** in this period right after the war, with the return of a multitude of now-unemployed former soldiers, **the habits and lives** of the various "classes" and **how people lived and dressed at that time.**

(Linda Brooks, Amazon, 2019)

Waters does evoke post WWI London quite well especially the **quodidian routines** of a struggling middle class household

(LGP, Amazon, 2019)

Um livro de História, por outro lado, é considerado o completo oposto disso:

History leaves so much out... everything to do with the senses, for instance. And it leaves out the most important thing of all: **the details of what being alive is like** (Farrell, 2010).

JG Farrell é um romancista que, em entrevista, respondeu que escreve Ficção Histórica pois identifica que a História disciplinar deixa de lado o aspecto humano do passado. A literatura, pelo contrário, devolve a vida à história: ela “reinsere o aspecto humano no passado através do tato, do corpo e da emoção, situando o leitor no passado e tornando-o mais rico e, portanto, mais compreensível” (Groot, 2016, p. 21). Outra romancista também compartilha dessa opinião:

the way we learn history in school, which can make it seem dry and dull. **History textbooks turn people from the past into cardboard figures, instead of living, breathing people just like us.** That’s where historical fiction comes in, and it’s one big reason why I write it (Martinac, 2021).

Assim como Farrell, Paula Martinac é mobilizada a escrever Ficção Histórica por uma insatisfação com as representações do passado oferecidas pela História escolar. Como sabemos, a teoria da história tradicional pressupõe que, para que o discurso historiográfico tenha validade, é necessário o distanciamento e a neutralidade do historiador que o produz (Phillips, 2016). Para esses autores, porém, sua característica *imparcial e distanciada* é exatamente o que os afasta da História acadêmica. Enquanto a Ficção mostra os detalhes da *vida* de personagens — reais ou imaginados — no passado, a História disciplinar oferece figuras de papelão (*cardboard figures*), imóveis e inanimadas. Para alguns leitores, esses detalhes são considerados *incompatíveis* com a História:

SHE MAKES HIM SEEM MORE HUMAN THAN MOST HISTORIANS WOULD CONSIDER APPROPRIATE

(DAVID E HALL, Amazon, 2013)

Throughout, we see a version of Alexander that **historical books, sparse on the details of his private life, can't provide.**

(Alicja Z., Amazon, 2013)

Comentários como esses indicam a percepção de que os historiadores considerariam *inapropriado* olhar para figuras do passado como se fossem humanas — o que já nos dá alguns indícios das formas como a figura do historiador é percebida por esse público, como veremos mais adiante. Em todo o caso, a proximidade com o passado que a História *não* oferece e os detalhes que ela *não* mostra são o que levam muitos autores e leitores a procurarem essas respostas na Ficção Histórica.

Como mostra Mark Salber Phillips (2013), cada forma de representação histórica pressupõe um distanciamento diferente em relação ao passado, e é frequentemente definido por meio dela. Da literatura que representa o passado, então, se espera uma proximidade diferente daquela que traz a historiografia. Nossos leitores percebem essa diferença, e demonstram maior interesse em formas afetivas de ler sobre o passado — em outras palavras, formas de texto que possibilitam uma maior proximidade com o passado. Como a Ficção Histórica mostra o passado *mais de perto*, é isso que os leitores esperam do gênero; e por isso, como veremos, algumas obras são avidamente rejeitadas por não atenderem essas expectativas.

Nesse sentido, a literatura de Ficção Histórica apresenta-se como uma forma acessível e interessante de conhecer sobre o passado, potencializada pelas relações afetivas que ela permite criar (Landsberg, 2015), pela empatia que ela promove com diferentes sujeitos (Koolen, 2008), assim como pela característica do gênero em mostrar outra realidade com detalhes que satisfazem nossa curiosidade. Para diferentes grupos, a Ficção Histórica também é uma forma de explorar o passado sem as restrições de uma pesquisa científica, guiando-se, principalmente, pelo afeto e pela imaginação.

1.2 Sempre estivemos aqui: leitores LGBTQ+ e a representatividade histórica

Particularmente, as formas de identificação que a Ficção Histórica LGBTQ+ incentiva são determinadas pelo próprio histórico da comunidade como movimento social. Já há muito tempo se percebe e se denuncia a ausência desses sujeitos nas narrativas históricas mais tradicionais (Love, 2007), e a Ficção Histórica LGBTQ+ utiliza essa ausência como ponto de partida para representar o passado e possibilitar identificações com ele. Para uma autora do gênero, essa percepção foi o que motivou o seu trabalho:

I could not ignore the **glaring gaps in my education where the names of LGBTQ+ heroes belonged**. I decided that **it would now be my duty** to create works of fiction that called attention to LGBTQ+ history to say: *See, we've always been here*. (Gorman, 2023).

Brooke Gorman tomou para si a responsabilidade de cobrir essas lacunas com seus próprios romances, chamando atenção para essas ausências nas narrativas históricas tradicionais — a ausência de seus similares, de sujeitos LGBTQ+. A Ficção Histórica se apresenta, então, como uma forma de amenizar o sofrimento causado por um passado traumático e pela falta de representação sobre ele. Dessa forma, autores e leitores afirmam similaridades entre o passado e o presente, relacionando sujeitos contemporâneos a uma ancestralidade e, como resultado, defendendo a sua própria existência como causa política no presente. Os leitores do gênero também compartilham dessa percepção:

I would recommend it to anyone who loves historical fiction and **acknowledges the truth** that LGBTQ relationships have existed in the past even if they were not acknowledged.
(Tori, Amazon, 2023)

This should be compulsory reading for every lesbian in the US struggling to hold on to hope **in the face of a fascist administration. We fought then and we will fight** to hold on to those gains. No matter what ‘executive orders’ are signed, we will not be put back into those boxes.
(Velvet Lounge, Amazon, 2017)

Essas obras são, então, percebidas também como uma ferramenta política de legitimação de sua comunidade através da sua história — um passado passível de ser usado como arma política no presente (Korte; Paletschek, 2012; Malerba, 2017). Além disso, representações afetivas do passado podem incentivar a atuação política em benefício de uma causa, mesmo daqueles que antes a desconheciam (Landsberg, 2015).

Afirmando que “sempre estivemos aqui”, leitores LGBTQ+ dão sentido à sua própria relação com o tempo; combatendo o sentimento de isolamento histórico resultado de uma alienação às narrativas tradicionais sobre o passado (Koolen, 2008). Essas obras auxiliam, em outras palavras, no entendimento de que “não estamos sozinhos”.

Reconhecer-se e ser reconhecido no passado têm um efeito emocional irresistível (Halperin, 2002). Como elemento essencial para a construção de identidades, a falta de reconhecimento pode causar sofrimento psíquico (Lowenthal, 2015), similar a uma forma de opressão, capaz de “infligir graves feridas, sobrecarregando suas vítimas com um ódio de si mesmo que é debilitante” (Taylor, 1992, p. 26). Isso explica, em parte, a intensidade das reações emocionais desencadeadas por essas experiências de leitura.

A Ficção Histórica é frequentemente criticada justamente por incentivar identificações acrílicas e anacrônicas com o passado e por essencializar identidades contemporâneas (Koolen, 2008; Murphy, 2021). Os leitores, por outro lado, percebem esse problema de forma diferente:

I find there to be great value in exploring ideas through characters who don't have the language we would use to characterize what is going on with them. I find **it can help readers work through ideas on their own, to find themselves on the page**, to find their own interpretation.

(Kathleen R Humphreys, Amazon, 2022)

He does not have modern words like gender non-conforming, non-binary, or gender-fluid **to define himself** with but he is a queer character (...) **Perhaps today he'd ascribe to being** a person with a disability or pansexual

(e.e., Amazon, 2021)

A leitura não é um processo feito passivamente (Jones, 2007). Os leitores possuem, no geral, consciência de que estão diante de uma época diferente, onde os termos contemporâneos (*queer*, não-binário, pansexual) não existiam, muito menos com os significados que têm hoje. O uso anacrônico de conceitos não os torna ineficazes (Jones, 2007), e “a variabilidade de categorias sexuais e de gênero ao longo do tempo não impede o leitor contemporâneo de se identificar com períodos históricos distantes” (Murphy, 2021, p. 16). Para os leitores, identificar-se com personagens entendidas como sujeitos de outras épocas não é um problema. Pelo contrário, isso os auxilia na formação de relações afetivas com elas.

Representações positivas na literatura LGBTQ+ são identificadas como essenciais para o bem-estar da comunidade. Além de possibilitar reconhecimento e formas de autoentendimento (Garden, 2014), obras do gênero podem mostrar alternativas para presentes e futuros mais felizes e satisfatórios — o que, para uma comunidade marcada pelo sofrimento, é particularmente esperançoso (Banks, 2009; Lewis, 2015).

Essas obras podem, então, proporcionar a seus leitores uma *representação reparativa* (Matos, 2019), uma forma de identificar-se retroativamente com o passado para objetivos específicos no presente. Para a comunidade LGBTQ+, a Ficção Histórica é percebida como uma possível substituta à disciplina; pois fornece narrativas sobre o passado e referenciais históricos ao mesmo tempo em que usa a história para dar sustento emocional às minorias do presente (Matos, 2019). A Ficção Histórica LGBTQ+ contribui, por isso, para combater o sentimento de isolamento histórico das pessoas LGBTQ+ — que se sentem distanciadas e não-representadas pelas narrativas históricas tradicionais, factuais e heterossexistas (Koolen, 2008).

Para pensar a representação, propomos trabalhar sobre o conceito de *representatividade* — um termo invocado, com frequência, pelos próprios leitores para criticar ou elogiar representações de suas comunidades encontradas nessas obras. Na maioria dos casos, é utilizada para criticar a ausência de sujeitos LGBTQ+ nas mais diversas narrativas. Os leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ demandam, simultaneamente, uma representatividade na literatura e no próprio passado histórico — questionando a sua ausência em ambas. Nesse sentido, o esforço de reconstrução de narrativas históricas para destacar a presença de sujeitos LGBTQ+ seria

parte dessa demanda por representatividade.

Um dos métodos para isso é a recuperação de narrativas, frequentemente na forma de figuras exemplos, que auxiliaria na percepção de uma ancestralidade LGBTQ+. Como identificou Waters, essa busca por ancestrais — ou, um *pantheon* de exemplos — foi frequente nas ficções produzidas ao longo da segunda metade do século XIX, principalmente por e para homens gays, que invocavam justamente modelos da Antiguidade Greco-Romana em suas autorrepresentações (Waters, 1995). Mais recentemente, recuperam-se narrativas e figuras que mostram similaridades — ao invés de descendências diretas — entre formas de existência LGBTQ+ no presente e no passado. Representar o passado dessa forma satisfaz o desejo por *representatividade* histórica da comunidade. Os significados dessas representações podem ser percebidos nos comentários dos leitores de Ficção Histórica LGBTQ+:

it's a gift to trans, intersex, queer, dispossessed folks of every stripe. It fairly shouts **“you are here and you always were; you matter and you mattered.”**
(Stephen Culp, Amazon, 2018)

[author] Madeline Miller I will not rest until I can tell you myself **how thankful I am for this book**. As a historian, a romantic, and a gay man.
(Jasper's Review, Goodreads, 2021)

Charming, witty, and **a literal relief to read. Thank you, Cat Sebastian, for the bi visibility**. You are a national treasure!
(Kindle Customer, Amazon, 2023)

Para as pessoas LGBTQ+, explorar o passado é muitas vezes determinado por um impulso de identificar-se com ele, o que Dinshaw (1999) chama de “impulso histórico *queer*”: um desejo de formar conexões afetivas através dos tempos, criando comunidades imaginadas com os marginalizados e os excluídos. A relação entre a comunidade LGBTQ+ e a história é guiada por esse impulso: “nós estamos condenados à busca por nossas raízes e por nossos semelhantes; não conseguimos deixar de procurar no passado imagens de nós mesmos” (Love, 2007, p. 45).

I laughed, I cried, and my queer heart swelled in my chest to the point where I thought I might combust on the spot. Read this book. The story it tells and **the experiences it amplifies (both LGBTQ+ and AAPI) are so important**.
(Country Ladies' Literary Club, Amazon, 2022)

I'm reviewing this book for **emotional**, rather than academic reasons. If you are someone who is trans (...) and **aches to feel seen** by fiction, read this book. (...) Jordy Rosenberg - please keep writing fiction. For us.
(someone, Amazon, 2019)

This is the book **so many of us Elder Queers needed** when we were young. Thank you Malinda Lo!!!
(Salty City Scout, Amazon, 2022)

Nesses comentários, percebe-se a prevalência do *sentimento* como resultado desse processo de identificação com representações do passado — mesmo que ficcional — e do afeto como sua principal expressão. A literatura, e as formas de reconhecimento que ela possibilita, são descritos como “necessidades” — e certamente sentidos como tal.

1.3 Mulheres *trans* também merecem finais felizes: leitores e a tragicidade da história

Para nossos leitores, o passado é um lugar perigoso para as pessoas LGBTQ+. Representações desse passado, mesmo que ficcionais, também seguem essa mesma expectativa.

The story wanders a bit mid-book and **ends less happily than I had hoped (making it truer to the era/culture it describes)**.
(Amazon Customer, Amazon, 2023)

There is a happy **ending, as happy as two gay men in the 1820s can have**.
(Janell Sutherland, Amazon, 2016)

I was so happy to see that there was not too much **angst** in the book **like the time period may suggest could happen**.
(Neta_BER, Amazon, 2017)

Can a HEA [Happily Ever After] exist for two queer men in 50s NYC?
(Drew.Reads, Amazon, 2023)

Sabemos que o passado das pessoas LGBTQ+ está repleto de perseguições, sofrimento e repreensão. Grande parte das evidências documentais que temos sobre sexualidades dissidentes vêm de fontes hostis e de situações de desequilíbrio de poder (Freedman; D’Emilio, 1990), que resultam em representações históricas focadas nesse sofrimento. O passado histórico é percebido como um ambiente opressivo e violento, onde finais felizes críveis para personagens LGBTQ+ não condizem com a precisão histórica pretendida por essas obras:

I’m usually not too big on mm [male/male] historicals due to the **difficulty of forging a believable HEA [Happily Ever After]**, but this author has yet to disappoint.
(reader80, Amazon, 2017)

I’m normally not a fan of historical romance, especially regency era - **just too sad**. But Cat was able to flip the script and (...) give them a HEA [Happily Ever After]. (...) Sure they faced some period obstacles, but **it wasn’t a sad history lesson** - just a pure love story.
(Drew.Reads, Amazon, 2023)

Na literatura, personagens LGBTQ+ sempre foram marcadas pelo estereótipo da tragicidade (Bergenmar, 2023); sofrendo acidentes de carro, suicídios, internações forçadas e estupro como formas de punição por serem LGBTQ+ (Garden, 2014). Aos poucos, a comunidade se mobiliza para criticar a prevalência dessas representações negativas, e nossos leitores compartilham desse sentimento:

sick and tired of homosexuality being **cheated of a happy ending** in fiction.
(grass, Amazon, 2021)

It defies the **restrictive convention that 'gay' stories had to end in misery**.
(Harry Pandolfino, Amazon, 2018)

Esses estereótipos da História e da ficção determinam, então, o que os leitores esperam encontrar nessas obras. A Ficção Histórica LGBTQ+, para cumprir com sua pretensão por autenticidade histórica, deve ser trágica.

Mesmo considerado impossível, existe um *desejo* por um passado feliz:

Although **rarely a happy ending for ant** (*sic*) **slave**, especially an LGBTQ slave, **I would love to think that somewhere in history it might have a truth**.
(Tony Williamson Jr., Amazon, 2022)

Representações positivas são importantes para o bem-estar emocional desses sujeitos. O desejo de ver-se representado positivamente esbarra, porém, nas próprias pretensões de autenticidade histórica do gênero: como representar de maneira verossímil, afinal, algo considerado impossível?

Alguns autores de Ficção Histórica LGBTQ+, porém, veem o problema de outra forma:

There's often **resistance among fans of historical fiction** (including historical romances and in some cases even including fantasy) **to writing stories about LGBTQ+ people that don't just consist of wall-to-wall bigotry and misery**, on the basis that it's "historically inaccurate" (Hall, 2022, p. 355).

Hist[orical] rom[ance] casts the past in a better, happier, less smelly, filthy and painful light. All of it, even the most accurate. It's romance. **If you think the golden glow of romance should cover white heterosexuals but not be extended to queer MCs** [main characters], or POC [people of color]? Ask yourself why (Charles, 2017 *apud* Whalen, 2017, p. 44).

Apesar da precisão histórica ser uma característica da ficção importante para esses leitores, esses autores identificam que este é um argumento frequentemente utilizado para deslegitimar as obras que escrevem (Whalen, 2017). Essa arbitrariedade é denunciada como uma forma de apagamento — tanto de narrativas que colocam sujeitos LGBTQ+ no passado, quanto de um gênero literário contemporâneo direcionado a esse público. Autores de Ficção Histórica LGBTQ+, então, fazem esforços para equilibrar as demandas por precisão histórica e

por finais satisfatórios para as personagens LGBTQ+. Esses esforços são percebidos pelos leitores, que respondem positivamente:

Homosexual couples (...) have lived fulfilling lives throughout history and **it's wonderful to see more romances being written that acknowledge this.**
(Kay Taylor Rea, Amazon, 2017)

I always get excited about queer stories in historical settings with happy endings, and this delivered marvelously, and I love it.
(Amazon Customer, Amazon, 2017)

This is a joyful and heartening queer love story (...) it feels so wonderful to have a historical romance which involves **LGBTQ+ characters who are allowed to have joyful love stories. It goes beyond painful “historically accurate” portrayals** of what it meant to be trans or queer during that time or books that focus only on the utter misery of not conforming to a highly gendered society.
(BookishSelkie, Amazon, 2022)

Em alguns casos, o desejo por representações satisfatórias toma uma direção interessante. Um passado feliz para sujeitos LGBTQ+ não é simplesmente desejado, mas considerado *merecido*:

I love that the leading lady of a historical fiction is a transgender woman. (...) It is a historical fiction, not unlike some classic romances I read, but with a twist on society including the queer community, which, let's face it, not that much included in classics but was very much present nonetheless (*sic*). (...) **Because a trans woman deserves her happy ending even in the 19th century!**
(Fanni, Amazon, 2022)

Like many of us, [author] AJH is sick and tired of reading stories that paint LGBTQ+ lives as tragic (...) This is most definitely not a Tragic LGBTQ+ Story™. Indeed, it is a celebration of love and a celebration (and affirmation) of Viola's womanhood. (...) **LGBTQ+ people, including trans women, deserve happy endings too.**
(Madigan Likes to Read, Amazon, 2022)

Em uma primeira interpretação, esses leitores parecem estar esperando demais da história — afinal, não podemos mudar o passado para encontrarmos os finais felizes que acreditamos merecer. O que esses comentários indicam, porém, é que pessoas LGBTQ+ merecem ser *representadas* positivamente. Isso implica reconhecer que nem todo o passado LGBTQ+ é trágico, e que representá-los tragicamente é uma *escolha*.

Os leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ mostram, então, que as narrativas sobre o passado que são representadas nessas ficções podem satisfazer, ao menos parcialmente, as necessidades afetivas da comunidade em relação à história. Percebemos indícios, também, de uma desconfiança recorrente em relação à disciplina histórica e às narrativas do passado oferecidas por ela. A importância da representatividade histórica na ficção é, como veremos, decorrente de uma insatisfação com a própria disciplina.

Segunda parte

To me, it is just really amazing and special that authors are actually rewriting such ancient history and stories to make them lgbt+ and remind people that the internet didn't invent being gay in 2000. It's always been real and people won't stand for that erasure in history anymore.

(jami, Goodreads, 2017)

2.1 Visões do passado: leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ e suas viagens no tempo

Leitores de Ficção Histórica frequentemente se utilizam de metáforas para elogiar as obras que leem:

I love taking **a dip back in time** with her books.
(Jeannie Zelos, Amazon, 2017)

I've just returned from **a trip into the past, a trip into the late 19th Century** (...). I've come back to Present Day from Victorian Age Boston (...). I've just returned from being in [author] Jane Goodrich's fascinating world of historical fiction.
(Burt Peretsky, Amazon, 2017)

A ficção transporta o leitor para algum lugar — ou, nesse caso, para algum outro lugar em outro tempo. Mesmo impossibilitados de voltar ao passado, os leitores sentem como se estivessem lá. As causas desse sentimento de *estar no passado* são consideradas por esses leitores as características de uma boa Ficção Histórica: uma narrativa envolvente e detalhes históricos convincentes. Para os leitores, então, estes são os efeitos de uma Ficção Histórica:

transport[s] readers to a specific historical period (...)
(nina mukerjee furstenau, Amazon, 2021)

The author **brings you into another world and time.**
(Mrs zeeman, Amazon, 2016)

Sabemos que uma obra de Ficção Histórica é, fundamentalmente, uma *representação* do passado; assim como todas as outras narrativas que mostram o que já não existe mais (White, 2014). Os comentários que analisamos, porém, parecem indicar que ainda há uma confusão fundamental sobre a distinção entre *o passado* e as *representações do passado* por esses leitores. Essas representações — os livros de Ficção Histórica — são, para muitos leitores, um reflexo do passado:

a powerful **mirror reflecting** the challenges, triumphs, and struggles of **that era** (...)
(Celine, Amazon, 2023)

a **glimpse of a vanished era** (...)
(Janet in Seattle, Amazon, 2023)

provides you **an inside look** at Victorian Boston (...)
(Jamie, Amazon, 2017)

It's a treat to **get to see how it was** living illegally and still trying to find love.
(Zara, Amazon, 2015)

this book was really great. **We got to see how 1950s China town was like** from the point of you of a lesbian Chinese girl [*sic*].
(Patricia, Amazon, 2021)

Very interesting **walk through history** from an unexpected perspective.
(Pennie, Amazon, 2015)

Esses leitores parecem indicar que entendem as obras como ferramentas de acesso direto ao passado. Essa percepção nos interessa de duas maneiras: o papel de *mediador* do texto torna-se pouco relevante, e o próprio texto torna-se um reflexo da realidade. Esses romances, então, perdem a qualidade de *representação mediada do passado* e tornam-se, para eles, *o passado em si*. Jerome de Groot (2016) argumenta, por outro lado, que os leitores do gênero entendem que o texto é fundamentalmente uma *representação*. Para nós, esta distinção não parece tão simples.

Elementos textuais são capazes de transformar a forma como nos relacionamos com uma obra. São os detalhes de ambientação, por exemplo, que dão ao texto um efeito de realidade: a impressão não de estarmos interpretando sinais gráficos em uma página, mas sim que fazemos parte do mundo que o autor descreve (Barthes, 2004). Por isso, os leitores de Ficção Histórica têm a impressão de que podem experienciar e viver o passado durante a leitura (Harlan, 2007).

Evidentemente, na prática, as obras que lemos não nos levam a lugar algum. Esses comentários, porém, indicam que as percepções desses leitores sobre *como era* o passado são transformadas por esses livros. Ou seja, eles possibilitam *imaginar* o passado de uma forma diferente, inspirada por essas narrativas literárias e pelas imagens que elas evocam. Representações sobre o passado, sejam elas ficcionais ou historiográficas, efetivamente moldam as formas como pensamos sobre ele (Arnaut; Moreira, 2011). Alguns argumentam, inclusive, que a literatura tem mais impacto em transformar nossa percepção sobre o passado do que a própria historiografia (Lowenthal, 2015; Groot, 2016).

Parecendo o real, e moldando nossas percepções sobre o passado real, a literatura de Ficção Histórica, para muitos leitores, torna-se também a própria *evidência* da história:

For gay men, **it's a story we can look to as proof that there have always been men who loved other men**, and they weren't always as reviled as we sometimes feel in modern society.
(Michael Holland, Amazon, 2013)

Most love stories are CIS love stories. I appreciate that this wasn't. It's important in that regard and to the extent that **it historically affirms** and normalizes the presence of gay people and gay love.
(RD, Amazon, 2022)

Comentários como esse complexificam ainda mais as relações entre os leitores e o texto. Ele apresenta-se, ao mesmo tempo, como história e ficção; e para os leitores, é ao mesmo tempo história, ficção e historiografia. Ou seja, essas obras passam a impressão de que são simultaneamente o passado e um estudo sobre o passado, além de seus elementos ficcionais. Essa confusão é identificada pelos próprios leitores:

Although fiction, it could all be true.

(Armchair Interviews, Amazon, 2008)

seamlessly [*sic*] **blending history and fiction until the line was no longer discernible** to me.

(Stefanie, Amazon, 2023)

A great **history** of Alexander the Great (...) most of the characters are very relatable and, most importantly, **REAL**.

(Crystal Starr Light, Amazon, 2014)

This book **transported me**, made me grimace and chuckle and sob right alongside its characters, **and though it is fiction**, it helped me see the women who were actually persecuted for witchcraft **as real, living people** rather than text in a history book.

(Gia, Amazon, 2022).

Para encontrar a melhor forma de posicionar-se em relação a uma obra, os leitores utilizam as pistas que o próprio texto fornece para diferenciar uma leitura por prazer de uma leitura informativa, por exemplo (Rosenblatt, 1978). Em nosso caso, os leitores parecem encontrar dificuldades para decidir que tipo de leitura devem fazer. Nesse sentido, as complexidades do gênero de Ficção Histórica também são percebidas pelos seus próprios leitores, que encontram diferentes formas de lidar com elas — e de, efetivamente, interpretar um texto.

Se o passado é um país estrangeiro, as obras de Ficção Histórica são passaportes forjados (Campbell, 2008 *apud* Rodwell, 2013). A *viagem* parece depender, porém, das habilidades literárias do autor e da própria disposição do leitor em sair do lugar. A única incerteza parece ser se esse país existe ou não. Como veremos, sob algumas condições, os leitores confiam que sim.

2.2 Aprendi muito, mas não tenho certeza: leitores e o conhecimento histórico

Alexis Hall, autor de Ficção Histórica LGBTQ+, afirma que ninguém deveria ler seus livros para aprender História:

I'm a novelist, not a historian. I use historical settings to explore themes and ideas I like and find interesting, and I don't feel any particular obligation to hold to any standard of "realism" that doesn't make for a good story. **Nobody should be trying to learn history from my books** (Hall, s/d).

Hall segue a noção de que um autor de Ficção Histórica não deve fidelidade aos fatos históricos, o que os emancipa da obrigação de oferecer uma representação autêntica do passado (Ellison *et al.*, 1969). Para outros, por outro lado, a autenticidade histórica é justamente a responsabilidade principal do autor do gênero (Brown, 1998). Mesmo assim, independentemente da posição dos autores, os leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ consideram que aprendem história com essas obras. Encontramos dezenas de comentários indicando essa percepção, utilizada como uma forma de elogiar o livro:

This is the sort of book that, in my youth, **helped me pick up much of my background understanding of European history** (and especially British history).
(Heather Rose Jones, Amazon, 2019)

I learned a lot about the 1950s lesbian community, Chinatown, pre WWII Chinese immigration, McCarthyism, the Chinese Japanese war, and the Chinese civil war, etc. These are **things that were glossed over, if not completely ignored in my history classes** in the 1990s.
(L. Jones, Amazon, 2021)

It's captivating and heartbreaking and uplifting and **incredibly educational for someone who (...) knows little about American history** after the Civil War and basically nothing about LGBTQ+ history.
(Country Ladies' Literary Club, Amazon, 2022)

Poucos romancistas são historiadores, mas a maioria dos romances ensinam História — ou, ao menos, seus leitores acreditam que sim. O potencial educativo da literatura de Ficção Histórica já foi evidenciado por vários autores: o gênero contribui para a construção do conhecimento histórico de seus leitores (Reis, 2013), podendo ser uma ferramenta potente para auxiliar no Ensino de História (Groce, E.; Groce, R., 2005), acompanhando o livro didático tradicional (Rodwell, 2013). Porém, esses autores demonstram a eficácia da literatura de Ficção Histórica como *complementar* à aula de História — e não substituta dela. Fora desses espaços formais de educação, a relação entre os leitores e a aquisição do conhecimento histórico através do gênero é muito mais incerta.

Para nossos leitores, a literatura de Ficção Histórica é considerada uma ferramenta de aprendizado sobre o passado:

His books are so much **more than fiction!** They are **teaching tools!**
(Denell E. Parker, Amazon, 2012)

I felt as though I'd been through a mesmerizing **history course.**
(Ottabme, Amazon, 2015)

Podemos nos preocupar, e com razão, com os fatos sobre o passado apresentados por esses autores, e tomados como História por seus leitores. Afinal, os leitores de Ficção Histórica não têm como saber a procedência das informações que encontram nesses romances (Weinhardt, 2011); mas geralmente pressupõem que as obras carregam certa autenticidade histórica, ou que contam a verdade sobre um período (Brown, 1998). Essas incertezas sobre a veracidade da narrativa podem ser percebidas nos seus comentários:

I'm not inclined to comment on the accuracy of the history because **I don't know.**
(CMag, Amazon, 2016)

I'm not any kind of expert but compared with other books I've read, this was a fabulous depiction of the machinations of the aristocracy and politics during that period.
(Misanthropic, Amazon, 2016)

Diante da impossibilidade de tudo conhecermos, a nossa tendência é confiar na autoridade dos especialistas (Ohara, 2019). Quando admitem que não sabem, os leitores confiam no autor:

I have to admit that I don't know the history well enough, so **I'm relying on Renault's well-researched expertise**
(Tex Reader, Amazon, 2015)

I don't have detailed knowledge of the time period (...) to determine the accuracy of Jones' portrayal (...) but I can say that **I was completely and absolutely convinced by his portrayals.**
(Sarah-Hope, Amazon, 2021)

Ricoeur (2000) argumenta que historiadores e seus leitores estabelecem um pacto de leitura, em que o leitor espera que o historiador apresente uma narrativa verdadeira sobre o passado. O próprio funcionamento da verdade do texto histórico depende da confiança do leitor em seu autor (Ohara, 2019). Romanistas, porém, na maioria dos casos não são historiadores; e os leitores não esperam ler o trabalho de um historiador. Mesmo assim, percebemos que o leitor confia no autor de Ficção Histórica para falar a verdade sobre o passado — que, como vimos, é uma demanda generalizada dos leitores do gênero. Apesar de não serem historiadores, os romanistas recebem autorização para representar o passado e para ensinar sobre ele.

Curiosamente, alguns romanistas — como Alexis Hall — não se sentem obrigados a

apresentar nenhum tipo de fidelidade à História: “Sou um romancista, não um historiador [...] Não sinto que tenho qualquer obrigação em especial de me ater a um padrão de ‘realismo’ que não contribua para uma boa história [*story*]” (Hall, s/d). Eles consideram suas próprias produções como algo fundamentalmente diferente do trabalho dos historiadores, pois não devem fidelidade aos fatos históricos (Ellison *et al*, 1969). Outra autora de Ficção Histórica LGBTQ+ disse, em entrevista, que embora se preocupe com a autenticidade histórica de suas obras, não costuma mais referenciar sua própria pesquisa:

I used to include detailed historical notes in some of my books, so that way transphobes or whatever wouldn't have any ammunition. But I'm not writing my book for white supremacists. **If they read my book, and they're like, 'That's fake,' that's really a them problem** (Sebastian, 2023).

Mesmo falando sobre um grupo específico de leitores — supremacistas brancos que não acreditam que pessoas LGBTQ+ existiram no passado —, Cat Sebastian demonstra a opinião de que não se importa se eles acreditam ou não em sua obra. Em outras palavras, o trabalho dela não foi feito para convencer ou ensinar ninguém; especialmente esses leitores que não estão dispostos a aprender. Alguns romancistas afirmam, também, que “uma ficção histórica diz menos sobre o passado do que sobre as características de sua própria produção — **ela revela, se nada mais**, as prioridades historiográficas de seu autor ou de sua cultura” (Waters, 1995, p. 8, grifo nosso). Em outras palavras, uma Ficção Histórica não precisa, necessariamente, revelar nada sobre o passado.

Leitores, por outro lado, consideram que esses livros entregam representações autênticas sobre o passado histórico, tornando possível conhecê-lo e, então, aprender sobre ele. Os próprios leitores de Sebastian respondem às suas obras dessa forma:

The historical setting is interesting, and **I liked learning about queer culture during that time**, the epic highs and lows of newspaper publication, and all the day to day details of what it was like to exist before cellphones and internet (*sic*). (justdk, Amazon, 2023)

I love how she subtly includes historical facts about living in NYC in that particular era without overloading her readers with everything she knows and learned through research. **It all feels so natural, as if she went back in time herself and tells everything from her own experience.** (NicoleR.M.M., Amazon, 2023)

A lovely love story, with the right amount of conflict and **historical detail to make it feel authentic.** (Don M. Hulbert, Amazon, 2023)

Seus leitores, então, encontram autenticidade histórica e aprendem com seus romances — mesmo que esta não tenha sido a intenção da autora. O autor não pode controlar, afinal, as

reações dos seus leitores e nem o sentido do seu texto (Ohara, 2019). Podemos retomar, então, o conceito de pacto de leitura de Ricoeur (2000), para tentar compreendermos melhor a *confiança* que os leitores colocam na capacidade do autor de Ficção Histórica — em sua posição de romancista, e não de historiador; nos poucos casos em que essas profissões se entrelaçam — de contar a verdade sobre o passado histórico. Percebemos que esta confiança dos leitores no autor de Ficção Histórica depende de algumas condições.

A primeira delas refere-se à capacidade do autor de provar que conhece o passado em que sua narrativa está inserida. Obras de Ficção Histórica utilizam-se frequentemente de elementos paratextuais para provar a autenticidade dos fatos históricos apresentados na narrativa (Brown; St. Clair, 2006): são as notas de rodapé, as referências bibliográficas, e as menções a pesquisas em prefácios e posfácios. Esses elementos são percebidos pelos leitores como um indicativo de fidelidade à História:

In her author's note, she reveals that **nearly two decades of research** have gone into this work (...) poignant blend of historical fact and exquisitely crafted fiction.
(Ethan, Amazon, 2023)

Lo **did her research** and it shows. I especially appreciated the “Author’s Notes” section at the end of the book which **gave additional information and pictures**. I believe this would be a great read for younger members of the LGBTQ community.
(Julie Galloway, Amazon, 2022)

A aparência de uma pesquisa histórica extensa é uma das condições que autorizam os autores a ensinarem História. Por isso, os elogios à precisão histórica da obra estão frequentemente vinculados ao reconhecimento da pesquisa do autor:

it's **so well researched** that it is likely to be **more fact than fiction**.
(Mary Lins, Amazon, 2004)

Enjoyed learning about knights, melees, and jousting within the context of the story. The story feels **well-researched** throughout.
(Deak Wooten, Amazon, 2020)

This book is **impeccably researched**, emotional, funny and **educational** about the horrors of trench warfare.
(Lucy, Amazon, 2023)

Similarmente, esses elementos paratextuais — notas e referências — são características que dão credibilidade a um texto historiográfico e colocam o seu autor em um lugar de autoridade (Certeau, 1982). A Ficção Histórica LGBTQ+, porém, não pretende simular a historiografia; mas, como veremos, talvez dê indícios de pretender ultrapassá-la. Mesmo assim, parece se aproveitar de um estatuto de legitimidade tradicionalmente ligado ao gênero historiográfico, que se considerou, por muito tempo, a única forma legítima de falar sobre o

passado.

Como a Ficção Histórica é considerada um meio de aprender história, espera-se que ela ensine corretamente. Levstik e Barton (2015), que escrevem sobre o aproveitamento do gênero para o Ensino de História, alertam os professores que “algumas obras mais recentes de ficção [histórica] são também flagrantemente imprecisas, amaldiçoadas com a falta de qualquer visão mais abrangente e repletas de romantismo”; e recomendam que eles orientem os alunos em pesquisas e discussões, em sala de aula, para entender uma obra de Ficção Histórica e avaliar a sua autenticidade (2015, p. 113). Outros autores mostram como esse tipo de atividade investigativa com os alunos acabam revelando as diversas inconsistências, erros e equívocos históricos dessas obras, e indicam que, por si só, um livro de Ficção Histórica não ensina história (Groce, E.; Groce, R., 2005). Em nossa pesquisa, identificamos que são raras as críticas em relação às informações históricas presentes nessas obras — o que parece indicar que a aparência de uma pesquisa bem-fundamentada é o suficiente para o leitor confiar no autor. As únicas críticas encontradas sobre a matéria histórica nos comentários sobre essas obras são os anacronismos da linguagem. Estes são criticados, principalmente, por quebrarem a imersão dos leitores:

it was filled with anachronism that just devalued the story, to a passable historical fiction. One in just couldn't take seriously in any way [*sic*]. (...) all it does is again, **take away from the "historical" part of the fiction.**
(Kwame M, Amazon, 2020)

All the Ye Olde frills and relentless apostrophied e's pasted all over modern expression were **too irritating to put up with for a whole novel.** Maybe there's a reason for all the modern anachronism costumed up like a Renaissance fair and I'm missing out, but I just couldn't get past “morph'd”.
(Kindle Customer, Amazon, 2021)

I was disappointed in this novel's **sloppy and inaccurate portrayal** of English life in the 30s. Just having people say "frightfully" a lot, and call each other "darling," doesn't convey the real flavor of either the country or the period (...) **got me so annoyed that I stopped reading halfway through.**
(peripatetic reader, Amazon, 2011)

Se a imersão dos leitores na narrativa (e no passado) é arruinada, o leitor rapidamente perde o interesse na obra. Afinal, a Ficção Histórica é lida para “voltar no tempo” e “ver como era” — ou seja, experienciar o passado e aprender sobre ele. Isso é o que identificamos como a segunda condição para a relação de confiança entre o autor e o leitor do gênero: a *aparência* de uma autenticidade histórica. O passado precisa *parecer o passado* — ou, pelo menos, o que esses leitores acreditam ser o passado.

A confiança do leitor no autor de Ficção Histórica parece depender, então, de uma aparência de pesquisa e de uma aparência de autenticidade histórica. Para os historiadores, a

relação com seus leitores é diferente: a confiança na capacidade do historiador em apresentar um discurso verdadeiro depende de uma predisposição do leitor em confiar na historiografia enquanto discurso autorizado sobre o passado (Ohara, 2019). O romancista, por outro lado, não carrega essa autoridade da disciplina — ele precisa se provar perante o leitor. Enquanto na historiografia, o leitor *espera* ler a verdade porque *confia* no historiador (Ohara, 2019), na Ficção Histórica, o inverso acontece: o leitor passa a confiar no autor que segue essas condições, e só então, acredita encontrar a verdade na obra e aprender história com ela. Isso pode explicar, também, o porquê de algumas obras serem historicamente autênticas para alguns leitores, e para outros não: porque alguns leitores são *convencidos*, e outros não.

Os leitores de Ficção Histórica, então, demandam autenticidade — ou seja, querem que a obra pareça com o passado — na narrativa, e consideram aprender história com os livros, sob algumas condições. Parecer com a história, porém, é diferente de parecer com a História. Esse é, como veremos, um elemento importante que condiciona a própria recepção de uma obra de Ficção Histórica.

2.3 Chato como um livro de História: percepções sobre a disciplina

No outro extremo, estão os autores que colocam *história* demais na *ficção*. A decepção resultante de ler uma Ficção e encontrar um livro de História não é completamente inesperada — afinal, os leitores têm suas expectativas quebradas. Como vimos, a Ficção Histórica é um gênero que invoca o passado artisticamente, provocando emoções em seus leitores. A História, por outro lado, é considerada o completo oposto disso:

This was an interesting story, not good, but interesting. It reads almost like a history report and is **kind of boring like a history report**.
(Kindle Customer, Amazon, 2023)

its overall dryness made it feel more like a Victorian **history book**.
(Blue in Washington (Barry Ballow), Amazon, 2023)

She must have done a great deal of research in order to write the novel, but **it doesn't feel like a "researched" book**.
(Marlin Barton, Amazon, 2023)

O leitor espera, então, que encontrará na Ficção Histórica uma forma de representação do passado fundamentalmente diferente dos livros de História que conhece. O passado encontrado nesses dois gêneros pode ser o mesmo, mas a *forma* do livro é o suficiente para torná-lo mais ou menos acessível. Parecer com um livro ou com uma aula de História é o suficiente para que uma obra seja rejeitada:

I liked that the story **wasn't overly complicated or too much of a history lesson** (...) (Drew.Reads, Amazon, 2023)

I am not one who typically gets excited about history, but the way that it was woven into this story and made it **informative without ever being dull**. (Hailey, Amazon, 2023)

O excesso de detalhes históricos é avidamente criticado:

Starts off very interestingly but then gets bogged down with **tedious** details. I just couldn't get into it because of the over-descriptive writing style and **over-explanation of historical details**. (mhp, Amazon, 2018)

I liked it for the first 100+ pages, then got bogged down with the **forgettable names**, the long campaigns, the unclear places, the **not-very-interesting court intrigues**, and the **ancient politics**. (H. Williams, Amazon, 2015)

Endless name dropping of senators, military men and other political characters left this reader both **confused and bored**. (lazza, Amazon, 2022)

São usados adjetivos como “chato”, “maçante” e “desinteressante” para descrever uma aula e um livro de História, e adjetivos similares para criticar uma Ficção Histórica. Os elementos históricos precisam estar integrados com a narrativa, e não se sobrepõem a ela. Quando o enredo da Ficção é insatisfatório, alguns leitores ainda a consideram valiosa pelo seu conteúdo historiográfico:

Historical interest[ing] (...) I enjoyed discovering all the new facts about the history of so many things in this book, well-researched. I did not care for the literal story as much (MAY1958, Amazon, 2021)

Historically interesting, that is all... (...) I found the book **interesting only from a historical perspective**. Did not care for the plot (Phyllis, Amazon, 2022)

Quando a narrativa não é interessante, a obra ainda pode ter valor se ensinar algo sobre o passado. A maioria dos leitores, porém, considera que o potencial didático de uma obra não é o suficiente para convencê-los a continuar a leitura. Para estes, a literatura de Ficção Histórica deve entreter:

Sorry to say that **this is not a novel that aims to entertain** in any real substantive way. (Blue in Washington (Barry Ballow), Amazon, 2023)

I'm not reading for a lesson, I'm reading for entertainment (Michele G, Amazon, 2022)

Esses elementos indicam um desejo por passado, mas rejeição da História. A disciplina não é, afinal, nem a mais interessante nem a mais importante forma de representar o passado (Harlan, 2007) e, para esses leitores, talvez ela seja *a menos interessante*.

O leitor espera, então, que a Ficção Histórica o transporte ao passado e ensine sobre ele, mas, de maneira alguma, que pareça um livro de História. A percepção geral, portanto, é de que a Ficção Histórica, quando ensina, ensina *melhor* do que a História. Como vimos até agora, espera-se que o gênero incentive reações emocionais e afetivas, mostre uma autenticidade histórica que transporte ao passado, e que possivelmente ensine sobre ele. São exatamente as características positivas de uma Ficção Histórica — o que a diferencia da História — que possibilitam que ela ensine sobre o passado:

All history lessons **should be as enjoyable as this**.
(Katherine Kirby, Amazon, 2021)

I'd love for all history to be taught like this.
(Ryan Latta, Amazon, 2021)

Por “História” e “livro de História”, leitores podem estar se referindo tanto à disciplina escolar quanto à historiografia acadêmica. A maioria dos leitores provavelmente só teve contato com a primeira; afinal, a historiografia não costuma ser lida para além dos próprios historiadores (Certeau, 1982). Mas frequentemente a figura do historiador faz parte desses discursos:

Donoghue writes the sort of historical fiction that makes one **unsurprised that she's a historian first. This isn't meant to be a criticism!**
(Heather Rose Jones, Amazon, 2019)

A necessidade de afirmar que “isso não é uma crítica” implica, necessariamente, que ser chamada de historiadora *poderia ser* tomada como uma crítica. Nesse sentido, os historiadores teriam um estilo de escrita reconhecível por esse grupo de leitores, e identificado como uma leitura desagradável — ou, ao menos, *pior* do que a Ficção Histórica que eles esperam ler. Afinal, a História é considerada “chata” e “monótona”; e por associação, os historiadores que a escreve também o são.

Para o leitor comum, o historiador produz um texto maçante. Como diz Darnton, “falamos com os mortos, porém temos dificuldade em nos fazer ouvir entre os vivos. Para eles, somos maçantes [...] escrevemos de uma maneira que nos legitima aos olhos dos profissionais e torna nosso trabalho inacessível a qualquer outra pessoa” (1990, p. 11-14). Evidentemente, esses leitores compartilham dessa percepção, e compartilham-na nesses espaços virtuais.

A História escolar também é alvo de críticas: por comparação, a Ficção Histórica é

agradável de uma forma que a aula de História *deveria* ser, mas não é (“*All history lessons should be as enjoyable as this*”). Os livros didáticos são as ferramentas mais utilizadas em sala de aula e, frequentemente, as únicas. Por sua linguagem distanciada, esses livros são criticados por oferecerem uma visão do passado monótona e sem vida, privilegiando cronologias eurocêntricas e dando enfoque aos grandes homens. Os romances, por outro lado, são escritos de uma forma que aproxima os leitores do mundo que pretende representar, apresentando um passado interessante e cheio de vitalidade que prende a atenção dos estudantes (Tomlinson *et al*, 1993). Os conteúdos também são diferentes: livros didáticos frequentemente contornam e omitem temas controversos, para agradar diferentes consumidores (Hickman; Porfilio, 2012; Tomlinson *et al*, 1993), evitando a menção a temas LGBTQ+ (Rogel, 2023; Wylie, 2012) e não fornecendo, então, as informações que esses leitores procuram. Como resultado, a literatura de Ficção Histórica é considerada por esses leitores um gênero mais atraente, cativante e instrutivo do que os livros didáticos de História.

Percebemos que este público tem uma percepção da disciplina como tratando somente de nomes, datas, e grandes eventos (“*forgettable names and ancient politics*”); ou seja, distante das experiências humanas que tornam as Ficções Históricas tão atrativas. Isso pode indicar, então, uma rejeição das Histórias Políticas ensinadas nas escolas e uma crescente demanda por uma História Social. A historiografia já vem considerando extensivamente assuntos que interessam aos leitores de Ficção Histórica — a vida privada, grupos marginalizados e sentimentos, por exemplo —, então a decepção desses leitores com a disciplina poderia ser solucionada com a inclusão dessas temáticas nos currículos escolares, ou com a simples divulgação de produções historiográficas que tratam delas.

Por outro lado, essas críticas também podem indicar que não é o *conteúdo* da História que está sendo rejeitado — mas sim que a sua própria *forma* já não tem serventia, pois não consegue representar o passado de uma forma acessível e nem responder às perguntas que esse público coloca sobre ele. Nesse sentido, uma aula de História que aborda outros assuntos não seria o suficiente; porque continua sendo uma aula de História.

Até o momento, as críticas aos historiadores se resumem à crença na sua incapacidade de escrever um texto compreensível e interessante. Mesmo entediante, um historiador continuaria mantendo sua relevância, por ser considerado um referencial incontornável para conhecermos o passado. Em outros momentos, porém, o historiador é a figura suspeita que *impede* esse conhecimento.

2.4 Revelações do passado: percepções sobre os historiadores

Autores de Ficção Histórica LGBTQ+, frequentemente, escrevem suas obras partindo da identificação de uma ausência:

Anyway, as a queer person with many queer friends, it is hard for me to look into any historical world and not wonder where the queer people are. And so, when I'm thinking of stories to tell, those are the stories that I gravitate to, because it feels so **missing** from the narratives that we already have (Sebastian, 2018).

Cat Sebastian é uma das autoras mais vendidas do gênero atualmente, com 21 livros publicados e uma grande quantidade de leitores. Ela comenta que escreve Ficção Histórica LGBTQ+ porque, como pessoa LGBTQ+, percebe a ausência de seus similares nas narrativas históricas existentes e procura suprir essa lacuna com a sua própria produção literária. Considera, então, que as pessoas LGBTQ+ *deveriam estar* na História: pessoas LGBTQ+ sempre existiram no passado, e por isso, deveriam estar também nas narrativas sobre ele. São histórias não contadas, e os leitores começam a se perguntar o motivo:

so often I feel that historical stories of queer people of color **are rarely told**. (Madigan Likes to Read, Amazon, 2022)

Why do we not know the story of Dr James Barry (Margaret Bulkley)³? (alana, Amazon, 2022)

Devoured this masterpiece of NYC history! (...) a riveting, captivating story that I couldn't put down - and **can't help but wonder why the story wasn't told sooner**. (beathead, Amazon, 2021)

A primeira explicação para essa ausência parte da percepção dos leitores de que essa ausência é resultado da incapacidade da disciplina em ver esses sujeitos. Pessoas LGBTQ+ seriam, nessa perspectiva, invisíveis para a escrita da história, e então deixadas de lado — esquecidas — das narrativas sobre o passado:

That is one of the novel's strengths (*sic*) (...): informing a readership of people who certainly existed, but who for the most part have been **forgotten by history**. (DM, Amazon, 2005)

This stunning novel reveals the **almost forgotten history** of one of NYC's most central figures. (G. Wellbourne, Amazon, 2021)

Vários teóricos da História LGBTQ+ já escreveram sobre as dificuldades de identificar

³ James Barry (*né* Margareth Ann Bulkley, 1795-1865) foi um médico cirurgião britânico. Em sua autópsia, descobriu-se que Barry havia nascido mulher, apesar de ter vivido sua vida como homem. Hoje, alguns membros da comunidade LGBTQ+ o consideram um sujeito transgênero; e algumas feministas, por outro lado, o consideram uma figura feminina exemplar na luta contra o patriarcado.

esses sujeitos no passado, e representá-los apropriadamente no discurso historiográfico (Penn, 1995; Mills, 2006). O receio de interpretar anacronicamente pessoas LGBTQ+ ao longo da história deu um aspecto hesitante para essa historiografia. Além disso, a consideração do âmbito da sexualidade como parte legítima dos estudos e da disciplina histórica é relativamente recente, se compararmos com as histórias políticas e militares, por exemplo.

Por outras autoras, essa ausência é percebida de outra forma:

Another reason I write historical fiction is because so much LGBTQ history has been **erased or forced underground**, and many queer people remain in the dark about our past (Martinac, 2021).

[LGBTQ+ history]’s been **deliberately erased**. It’s not an accident that first-person testimonials are missing (Sebastian, 2018).

Queer historical fiction is amazing because it covers **a history which was swept under the rug** for centuries upon centuries, and, therefore, has an abundance of unexplored content to pull from (Gorman, 2023).

A ausência, então, toma a forma de uma ação proposital que *apagou* essas pessoas da História, ou as forçou a um espaço marginal na historiografia. Como Murphy argumenta, a Ficção Histórica LGBTQ+ existe em parte porque as histórias LGBTQ+ não existem, “mas sentimos que devem ter existido, que foram apagadas” (2021, p. 11). A crença em um apagamento é compartilhada por muitos leitores:

You know this story happened but history never discussed it ! (...) I did lose myself in love **hidden from history** !!
(Fred wenzel, Amazon, 2020)

a statement about how people of color, the queer and the trans people have been **erased from history**.
(Laurie A. Brown, Amazon, 2018)

As a trans man, I was really interested to read an own voices [in a] historical fantasy book about trans men considering how often **we are erased from history**.
(Luke Tolvaj, Amazon, 2018)

A terrifyingly beautiful book that tells a **truth to big for historical scholarship**; it **restores a past erased by hate and violence**
(RV, Amazon, 2021)

Esses leitores não foram os primeiros a denunciar a ausência desses sujeitos LGBTQ+ do discurso historiográfico como algo proposital. Desde as dificuldades de encontrar fontes históricas não manipuladas ou destruídas (Norton, 2016; Love, 2007), até suas representações marginalizadas (Waters, 1995), negadas (Duberman *et al*, 1989) e enterradas pela História (Love, 2007) — e ao longo da história; a escrita da História LGBTQ+ precisa lidar com interferências dos mais diversos sujeitos. Mesmo quando essas narrativas *podem* ser contadas,

a percepção é de que a disciplina *se recusa a fazê-la*:

This book tells an epic love story, one that **history refuses to tell**.
(Tri Drexler, Amazon, 2023)

History often **likes to forget** the stories of queer love.
(Jai Subbarayan, Amazon, 2021)

in my day there was a lot of **stories that were omitted** or, more egregiously, interpreted in such a way as to maintain the status quo and paint history's "victors" as the good guys.
(Blake Fraina, Amazon, 2018)

Sabemos que a História como disciplina se legitimou a partir da sua afirmação como discurso neutro sobre o passado (Phillips, 2013). Porém, o que esses leitores indicam é que percebem *intenções* no discurso historiográfico: preconceitos e propósitos disfarçados que direcionam os estudos acadêmicos sobre o passado. A História é denunciada por se recusar a ver e a contar essa história. A disciplina, portanto, não é percebida como neutra e imparcial, como tradicionalmente se apresenta.

A crítica à historiografia oscila, então, entre uma ausência criada pelos atuais limites epistêmicos e normativos da disciplina que impedem que algumas pessoas sejam representadas em narrativas formais da História (Avila, 2021), e o apagamento proposital de uma história que já existia. Em ambos os casos, a Ficção Histórica LGBTQ+ é escrita para *contar essas histórias*, e para *iluminar esse passado* — ou seja, suprir uma ausência da historiografia ou revelar algo que ela esconde. Expressões como essa podem ser encontradas também nos comentários dos leitores dessas obras:

There simply isn't any record of it [same-sex relationships in the past], which is why novelists like Robert Jones, Jr., have to rely upon their imagination to **bring these stories to light**.
(Real Writer, Amazon, 2021)

The dark ages of our modern LGBTQ **history brought to light**.
(B. Young, Amazon, 2023)

Donoghue excels at **bringing to light this little-known moments in history**, particularly those that feature lesbian protagonists.
(C. M. Barrett, Amazon, 2015)

An **eye opener!** Kudos to the author for **exposing** this tarnished period of our history.
(Maestra43, Amazon, 2016)

A revelation, both of what we thought we knew but didn't, and **what we never knew, but should have**.
(RV, Amazon, 2021)

The history of disadvantaged and minorities have long been **erased** from the narrative, so this book does help **put some of it back in**.
(MK French, Amazon, 2018)

O comentário do usuário MK French é revelador: a Ficção Histórica LGBTQ+ consegue *colocar de volta* em narrativas do passado esses sujeitos apagados. Percebemos, então, a efetividade do gênero em reinserir comunidades marginalizadas na História (Groot, 2010), ou de invocar passados ignorados. Reinserir esses sujeitos em narrativas sobre o passado teria como efeito a *reparação*; um alívio, mesmo que pequeno, ao sofrimento causado por uma exclusão histórica — e da História. Assim, a Ficção Histórica teria a capacidade de *corrigir a História*:

I loved the way **it corrected false, overly-white historical narratives**, and the way it looked at trans identity through a historical and modern perspective.
(Celia, Amazon, 2018)

I've now read all of Daniel Black's books and appreciate his open and honest approach to sharing history! **Someone has to tell** these stories so we don't forget.
(Denell E. Parker, Amazon, 2012)

A escrita da história LGBTQ+ é entendida, nesse sentido, como um trabalho necessário que a disciplina se recusou a fazer; e a Ficção Histórica seria, então, responsável por “contar essas histórias”. O que os historiadores apresentam — ou deixam de apresentar — como interpretação do passado a esses leitores é, em outras palavras, insatisfatório. Os próprios romancistas não encontram as respostas que procuram na historiografia, e autores frequentemente relatam que precisam fazer pesquisas independentemente, pois os historiadores não falam sobre esses assuntos (Waters, 1995; Phillips, 2000).

Mesmo sendo ficcional, como vimos, esta é uma produção em que os limites entre história e ficção se confundem. Por isso, leitores consideram que aprendem história com essas obras; e por isso, também, elas são capazes de criar “historiografias dissidentes”, nas palavras de Jerome de Groot (2009): investigações legítimas sobre o passado que criam interpretações alternativas sobre ele. Aqui, percebemos que estas podem ser colocadas em oposição à historiografia acadêmica, e não somente em desacordo com ela. O antagonismo contra a disciplina histórica pode ser percebido com mais facilidade nos discursos em que a figura do historiador está presente:

Historians have written out too many peoples.
(Tony Williamson Jr., Amazon, 2022)

While I've no doubt that same-sex relationships, whether or not [*sic*] they were consensual, took place during the slave era, many **historians and scholars challenge this notion**.
(Real Writer, Amazon, 2021)

[author] Madeline Miller speaks for those who were **silenced by the lips of historians**.
(Rina Noel, Goodreads, 2020)

for so many centuries these types of relationships were **dusted under the rug as “friendships” by historians**, and I respect the author for bringing it out in the daylight.
(Kat Antanavi, Goodreads, 2020)

Historians seem to have a **homophobic tendency** - even in the most glaring of circumstances being gay is always caveated with doubt and uncertainty around the evidence. It's a good reminder that history, even mythological in nature, is not objective. It is necessarily dictated by the **prejudices and biases of the historian**.
(Ryan, Goodreads, 2022)

it's always been quite clear the two had an “extremely intimate and deep bond,” which is a **historians way of avoiding saying they were in love; thereby erasing queer existence** in past literature.
(Jai Subbarayan, Amazon, 2021)

Aqui, se compartilha uma visão do historiador como uma figura *preconceituosa e tendenciosa*, que deliberadamente manipula as narrativas historiográficas e as suas fontes para defender seus objetivos. Tornam-se, então, as figuras responsáveis por essa exclusão e invisibilidade histórica. Em um caso interessante, um autor de Ficção Histórica LGBTQ+ demonstra essa percepção:

About the author:
David Greene writes missing pieces of LGBTQ+ history in fiction, telling stories that **the gatekeepers of the past** ignored, denied, or suppressed.
(Greene, s/d)

Com uma função quase heroica, David Greene declara-se o revelador das histórias LGBTQ+ ignoradas, negadas, ou suprimidas pelos “*gatekeepers of the past*”, aqueles que arbitrariamente controlam o que conhecemos ou não do passado — evidentemente, os historiadores.

Em outros momentos, o historiador é incapaz de realizar o seu próprio trabalho:

historians will say they were bffs [Best Friends Forever]
(Mia, Goodreads, 2023)

historians say they were roommates
(Anabelle, Goodreads, 2022)

Diante das evidências históricas, o historiador que é imaginado por esse público — que, como já vimos, é um sujeito preconceituoso — considera como *melhores amigos* quem era, “obviamente”, um casal romântico; não interpretando corretamente os vestígios do passado. Em outras palavras, o historiador é “cego” e não consegue ver a verdade, que precisa, então, ser “iluminada” por outros profissionais — dentre eles, os romancistas. No caso específico de *The Song of Achilles* (Miller, 2011), o romance que reconta a história da Ilíada a partir da relação romântica de Aquiles e Pátroclo, o historiador é identificado como o responsável pela invisibilidade e pelo apagamento desses personagens — que nunca existiram:

Friends, huh? Yeah right, **HISTORIANS CANNOT FOOL ME!** I know what they really were... soulmates!
(Maya, Goodreads, 2021)

I can't help but think of **the classic historians take on two men who were portrayed to have close relationship as 'close friends'**, when they had spent times together, shared a bed, and wished to have their ash mixed after their deaths [*sic*].
(mich, Goodreads, 2022)

O historiador seria aquele responsável por contar as histórias (*stories*) sobre pessoas LGBTQ+ no passado, mesmo aquelas ficcionais. Retornamos, aqui, às confusões entre o campo da história e da ficção, trabalhadas na primeira seção deste capítulo. Na dúvida, o culpado é o historiador. Nos comentários dessa obra, a ridicularização da figura do historiador é ainda maior:

If any **stuffy historian** wants to argue they weren't in love i ain't got time for that
(Rozanne, Goodreads, 2017)

If you've read The Iliad and aren't a **crusty historian who insists on seeing the past as strictly heterosexual until the 1970s**, you'll appreciate this interpretation
(Kelly W., Goodreads, 2016)

If you like: Getting back at **homophobic historians**, [...] [and] representation, [...] then read this book. [...] I always knew that Patroclus and Achilles were in love, but **historians messed it up**.
(Charlie, Goodreads, 2020)

I **ADORED** that Madeline Miller chose to explore the relationship between Achilles and Patroclus for what it was (despite what the **old and crotchety** historians may say).
(Shannon Scott, Goodreads, 2021)

Além de não conseguir representar o passado apropriadamente, escondendo a história LGBTQ+ ou interpretando incorretamente suas evidências, o historiador é descrito como uma figura caricata: *crusty*, *stuffy*, *homophobic*. Essa é a imagem do historiador que parte desse público — se não todo — tem quando lê essas obras. Não é de se surpreender que esse historiador chato, velho, ultrapassado ou até maluco seja justamente aquele que escreve os livros de história chatos que esse público critica.

Percebemos, então, que a literatura de Ficção Histórica LGBTQ+ cria ou incentiva espaços onde a utilidade da História e a integridade do historiador profissional são constantemente questionadas. Comentários como esses incentivam um discurso que ridiculariza o historiador e mina a sua autoridade ao mesmo tempo que legitimam não-historiadores como figuras autorizadas a escrever e informar sobre o passado.

Em um contexto mais amplo, essas críticas podem ser consideradas como um resultado da atual crise de legitimidade e autoridade da figura do historiador — mas, também, como parte das forças que a agravam. Com as transformações nas formas de aquisição de conhecimento, e

a multiplicação dos sujeitos autorizados a compartilhá-lo, os historiadores acadêmicos veem sua profissão tornando-se cada vez menos relevante ao discurso público. Vários historiadores já trabalharam com os efeitos e motivos dessa crise de legitimidade (Nicolazzi, 2010; 2019; Avila, 2021; Schmidt, 2013; Malerba, 2017; Souza *et al*, 2017; Gontijo, 2022), e indicaram que o historiador perde cada vez mais a confiança do público — o que pode efetivamente abalar o papel da historiografia como instituição produtora de um saber legítimo sobre o passado (Ohara, 2019). Afinal, “a história só pode se tornar ciência na medida em que os historiadores conseguirem convencer a sociedade e o Estado acerca das vantagens práticas e estratégicas do tipo de conhecimento que poderiam produzir” (Gontijo, 2022, p. 23).

Em nosso caso, percebemos que o historiador nunca é visto como uma figura que colabora para a investigação e a escrita da História LGBTQ+: ele é ora um profissional inocente, mas incompetente em seu próprio ofício; e ora aquele intencionalmente responsável pela invisibilidade e pelo apagamento desses sujeitos histórico. Ao não apresentar uma interpretação do passado considerada verdadeira e satisfatória, a História perde o que a diferencia de outros discursos não-profissionais sobre o passado, e o que, em última instância, a justifica como uma disciplina. O romancista é, mesmo sem a intenção de ser, aquele que supera e substitui o historiador na tarefa de representar o passado autenticamente.

Entendendo essas críticas à figura do historiador, podemos colocar em perspectiva alguns trabalhos acadêmicos e as soluções que eles propõem. Autores, frequentemente, identificam um abismo entre as produções dos historiadores e as formas populares de fazer história; e sugerem, com bastante ênfase, que os historiadores precisam se inserir nesses espaços de produção e discussão, eliminando a distância entre a historiografia profissional e os públicos não-historiadores que se interessam pelo passado (Groot, 2012; Harlan, 2007).

O que identificamos com este trabalho, porém, é que historiadores não são nem ao menos bem-vindos em alguns desses espaços, que dificilmente aceitariam a sua presença ou respeitariam a sua fala. A Ficção Histórica LGBTQ+ auxilia os seus leitores — um público significativo e em constante crescimento — a chegarem às conclusões de que os historiadores são os próprios inimigos da História LGBTQ+, e aqueles responsáveis pelo seu desconhecimento sobre ela. As investigações sobre o passado podem, então, ser feitas legitimamente por um caminho que não somente *contorna* o trabalho do historiador, mas que se coloca em *oposição* a ele. A denúncia que fazem à historiografia não poderia ser resolvida com a presença do historiador, capaz de responder às suas demandas e questões sobre o passado LGBTQ+ — porque é tarde demais, e a oportunidade de inserção nesses debates já foi perdida. O que parece nos restar é a defesa da disciplina como produtora de *um* dos discursos legítimos

sobre o passado; e, talvez, tentar retocar a imagem do historiador para algum estereótipo menos constrangedor.

Considerações finais

Para entendermos como um grupo se relaciona com seu passado, nos voltamos às formas como ele é representado ficcionalmente. Em momentos de lazer, leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ viajam ao passado e aprendem sobre ele — enquanto riem, choram e se revoltam com os personagens. O que colhem dessas experiências, eles decidem compartilhar com outros leitores, na expectativa de encorajá-los a fazer (ou não) essa mesma viagem.

Uma experiência de leitura positiva depende não somente da qualidade da obra, mas também do interesse do leitor em ser transportado por ela. Nesse sentido, entendemos que cada sujeito lê um texto de uma forma diferente; mas, ao mesmo tempo, pode ser considerado como pertencente a uma comunidade interpretativa — que compartilha de preceitos, opiniões, e visões de mundo similares.

Em nosso caso, os leitores de Ficção Histórica LGBTQ+ apresentam demandas e expectativas em comum tanto para a História quanto para a Ficção. Ao longo deste trabalho, percebemos um intenso e crescente interesse em experiências *afetivas* de relacionamento com o passado. Para nossos leitores, identificar-se no passado representa uma importante forma de afirmação de suas existências no presente. Essas obras de ficção, entendidas como um reflexo do passado, são capazes de mostrar sujeitos similares a eles em todos os momentos da história — possibilitando que eles afirmem, por isso, que “sempre estivemos aqui”.

As interpretações do passado oferecidas por essa literatura apresentam-se como formas acessíveis e prazerosas de aprender história. Em comparação, um livro de História é considerado chato, maçante, distanciado demais — e parece esconder a verdade sobre o passado LGBTQ+. Cada vez mais, questiona-se o *porquê* dessas histórias não terem sido contadas. Os historiadores, nesse sentido, tornam-se os principais alvos dessa desconfiança.

Com esta investigação, foi possível identificarmos um crescente discurso de crítica à História acadêmica e escolar, em par com a perda gradual de legitimidade da figura do historiador. Não somente desautorizados a falar a verdade sobre o passado, os historiadores agora são considerados aqueles que propositalmente *impedem* esse conhecimento — e têm, por isso, sua pretensão por parcialidade desmoralizada. Em outros momentos, os historiadores são considerados ultrapassados, incapazes de identificar pessoas LGBTQ+ no passado, que são facilmente reconhecidas por qualquer leitor de ficção.

A história LGBTQ+ mostra-se como um passado em disputa, e os historiadores não são mais autorizados a participar dessa discussão. A disciplina parece perder cada vez mais relevância para essa comunidade — que deseja conhecer e ser reconhecida no passado, mas que

nunca teve suas demandas atendidas pela História acadêmica. Os romancistas de Ficção Histórica LGBTQ+, capazes de pesquisar e representar o passado de forma acessível e aceitável, são elogiados por, finalmente, mostrar aos leitores a verdade. A Ficção é valorizada pois ela foi a primeira a tentar incluí-los e responder suas perguntas de forma compreensível, satisfatória e — por que não — afetiva.

Nosso espaço e ferramentas impossibilitaram a análise do conteúdo das obras de Ficção Histórica LGBTQ+; o que seria, certamente, importante tanto para compreendermos as formas contemporâneas de representação e autorrepresentação LGBTQ+, quanto para entendermos até que ponto elas são recebidas positivamente. Como vimos, as intenções dos autores e as percepções dos leitores nem sempre coincidem — e por isso, analisar a recepção de um gênero torna-se essencial para a compreensão de seu efeito real na sociedade.

Em diversos momentos, nossa pesquisa teórica se deparou com trabalhos que propõem estudar o gênero de Ficção Histórica a partir dos conceitos de Metaficção Historiográfica (Hutcheon, 1988) ou de Romance Meta-histórico (Elias, 2001). Embora não tenhamos dialogado diretamente com esses trabalhos, acreditamos que esta pesquisa tem potencial para colaborar com as discussões que eles propõem — ou, talvez, questioná-las.

Para Waters (1995), a maior parte das Ficções Históricas LGBTQ+ são Metaficções Historiográficas, que expõem o caráter provisório de qualquer representação histórica e demonstram que o passado é inacessível diretamente, e só pode ser representado (Waters, 1995; Hutcheon, 1988). Essas obras são capazes, então, de evidenciar a parcialidade das representações históricas — incluindo aquelas oferecidas pela disciplina. Até certo ponto, isso é percebido por nossos leitores: eles identificam que o discurso historiográfico é uma *representação* e por isso passível de sofrer interferências arbitrárias de atores externos, o que impossibilitou, até agora, um conhecimento verdadeiro sobre o passado. Porém, para nossos leitores, a verdade histórica *pode* ser acessada, e o passado *pode* ser representado autenticamente.

Evidentemente, entendem que os personagens são, em sua maioria, ficcionais. Mas, ao afirmarem que viram o passado “como ele realmente foi” através das “verdades reveladas” pelos romancistas, esses leitores problematizam os limites entre história e ficção, ao mesmo tempo que consideram — mesmo que inconscientemente — que essas obras têm algo autêntico para dizer sobre o passado. A crítica à historiografia acadêmica aparece sempre em contraste ao elogio à Ficção Histórica por *corrigir* os erros dos historiadores. Isso não somente coloca os dois discursos em um mesmo patamar de autoridade, mas também indica que algumas representações são mais corretas e verdadeiras do que outras. O que esses leitores reconhecem

não é a nossa incapacidade de conhecer o passado e de representá-lo de maneira efetiva, mas a falência dos historiadores e da disciplina em suas tentativas até agora. A verdade sobre o passado pode ser alcançada — e com essas obras de Ficção, ela parece estar mais próxima do que nunca.

Frequentemente, trabalhos acadêmicos como este parecem mais abrir portas do que encontrar respostas. Procuramos mostrar algumas das formas contemporâneas de relação com o passado histórico e com nossa disciplina, evidenciando tensões entre gêneros textuais diferentes, seus autores e seus leitores. Estudar um gênero de representação do passado histórico a partir de seus leitores e consumidores mostrou-se uma forma interessante e produtiva de entendermos melhor a função e o efeito dessas produções na sociedade.

Diferentes textos possibilitam diferentes relações com o passado. Neste trabalho, percebemos que a Ficção Histórica LGBTQ+ é posicionada não como concorrente à historiografia, mas como um discurso capaz de a contraria e desestabilizar. Para esses leitores, as representações do passado que encontram nessas obras satisfazem, de uma forma que a disciplina não consegue, o seu desejo por representatividade histórica. Não podemos menosprezar, afinal, o impacto emocional de nos reconhecermos no passado — e também em um bom livro.

Referências

- AVILA, Arthur Lima de. *A história no labirinto do presente: Ensaios (in)disciplinados sobre teoria da história, história da historiografia e usos políticos do passado*. Vitória: Editora Milfontes, 2021.
- AZEVEDO, Fernando; BALÇA, Ângela; BASTOS, Glória. Web 2.0: literatura infantil/juvenil e comunidades interpretativas. *Caderno Seminal Digital*. vol. 23, nº 1, jan-jun/2015. p. 40-57.
- BANKS, William P. Literacy, Sexuality and the Value(s) of Queer Young Adult Literatures. *English Journal*. vol. 98, nº 4, 2009. p. 33-6.
- BERGENMAR, Jenny. Queer Literary Ecologies and Young Adult Literature. In: ROIG-SANZ, D.; ROTGER, N. (orgs.) *Global Literary Studies: Key Concepts*. Alemanha: De Gruyter, 2023. p. 61-84.
- BROWN, Joanne. Historical Fiction or Fictionalized History? Problems for Writers of Historical Novels for Young Adults. *The ALAN Review*. vol. 26, n. 1, 1998.
- BROWN, Joanne. ST. CLAIR, Nancy. *The Distant Mirror: Reflections on Young Adult Historical Fiction*. Maryland; Toronto; Oxford: The Scarecrow Press, INC., 2006.
- CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 56-108.
- COPENHAVER, John. Importance of Historical Fiction from an LGBT Perspective. *John Copenhaver: Taking the Walk*, 27 de abril de 2015. Disponível em: <https://johncopenhaver.wordpress.com/2015/04/27/importance-of-historical-fiction-from-an-lgbt-perspective/>. Acesso em 29.01.2024.
- DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette. Mídia, cultura e revolução*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- DINSHAW, Carolyn. *Getting Medieval: Sexualities and Communities, Pre- and Postmodern*. Durham; Londres: Duke University Press, 1999.
- DUBERMAN, Martin; VICINUS, Martha; CHAUNCEY JR., George (orgs.). *Hidden From History: Reclaiming the Gay and Lesbian Past*. USA; UK: Penguin Books, 1989.
- ELIAS, Amy. *Sublime Desire: history and post-1960s fiction*. Baltimore; London: The John Hopkins University Press, 2001.
- ELLISON, R. et al. A Discussion: The Uses of History on Fiction: *The Southern Literary Journal*. vol. 1, nº 2, 1969. p. 57-90.

FARRELL, James Gordon. Looking back at the Lost Booker: JG Farrell. [Artigo por] JORDISON, Sam. *The Guardian*, 15 de abril de 2010. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/booksblog/2010/apr/15/booker-prize-fiction>>. Acesso em 29.01.2024.

FISH, Stanley. *Is There a Text in This Class? The Authority of Interpretive Communities*. Massachusetts: Harvard University Press, 1980.

FREEDMAN, Estelle B.; D'EMILIO, John. Problems Encountered in Writing the History of Sexuality: Sources, Theory and Interpretation. *The Journal of Sex Research*. vol. 27, nº 4. 1990. p. 481-495.

GARDEN, Nancy. LGBTQ Young Adult Literature: How it Began, How it Grew, and Where it is Now. *The ALAN Review*, 2014. p. 79-83.

GOLDSTEIN, Philip. *The Theory and Practice of Reception Study: Reading Race and Gender in Twain, Faulkner, Ellison and Morrison*. New York; Oxon: Routledge, 2022.

GONTIJO, Rebeca. “Deixa os historiadores pra lá”: crise das humanidades, crise de autoridade, novas possibilidades. In: ROCHA, H.; MAGALHÃES, M. (orgs). *Em defesa do ensino de história: a democracia como valor*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2022. p. 19-44.

GORMAN, Brooke. How I Fell In Love With Queer Historical Fiction (And Why You Should Too). *Pine Reads Review*, 19 de abril de 2023. Disponível em: <<https://www.pinereadsreview.com/blog/how-i-fell-in-love-with-queer-historical-fiction-and-why-you-should-too/>>. Acesso em 29.01.2024.

GREENE, David. About the author. *Amazon*, s/d. Disponível em: <<https://www.amazon.com/stores/author/B003ATQFNY/about>>. Acesso em 12.02.2024.

GROCE, Eric; GROCE, Robin. Authenticating Historical Fiction: Rationale and Process. *Education Research and Perspectives*. vol. 32, n. 1, 2005. p. 99-119.

GROOT, Jerome de. *Consuming History: Historians and heritage in contemporary popular culture*. USA; Canada: Routledge, 2009.

GROOT, Jerome de. *Remaking History: the past in contemporary historical fictions*. London; New York: Routledge, 2016.

GROOT, Jerome de. *The Historical Novel*. New York: Routledge, 2010.

HALL, Alexis. FAQ: About Writing. *Quicunquevult*, s/d. Disponível em: <https://quicunquevult.com/faq/faq-about-writing/?Display_FAQ=14110>. Acesso em 13.01.2024.

HALPERIN, David. *How to do the History of Homosexuality*. Chicago: University of Chicago Press, 2002.

HARLAN, David. Historical fiction and the future of academic history. In: JENKINS, K.; MORGAN, S.; MUNSLOW, A. (orgs.). *Manifestos for history*. USA; Canada: Routledge, 2007. p. 108-130.

HICKMAN, Heather. PORFILIO, Brad J. (orgs.) *The New Politics of the textbook: Problematizing the Portrayal of Marginalized Groups in Textbooks*. Rotterdam; Boston; Taipei: Sense Publishers, 2012.

HUTCHEON, Linda. *A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction*. New York: Routledge, 1988.

JONES, Norman. *Gay and Lesbian historical fiction: sexual mystery and post-secular narrative*. New York; England: Palgrave Macmillan, 2007.

KOOLEN, Mandy. *Que(e)rying History: Lesbian, Queer and Trans Historical Fiction and the Construction of Contemporary Pasts*. Ph.D. Thesis. Ontario: McMaster University, 2008.

KORTE, Barbara; PALETSCHEK, Sylvia. Historical Edutainment: New forms and Practices of Popular History? In: CARRETO, M.; GREVER, M.; BERGER, S. (orgs.) *Palgrave Handbook of Research in Historical Culture and Education*. London: Palgrave Macmillan, 2017. p. 191-202.

KORTE, Barbara; PALETSCHEK, Sylvia. *Popular History Now and Then: International Perspectives*. Alemanha: transcript, 2012.

LANDSBERG, Alison. *Engaging the past: mass culture and the production of historical knowledge*. New York; Chichester: Columbia University Press, 2015.

LEVSTIK, Linda; BARTON, Keith. *Doing history: investigating with children in elementary and middle schools*. New York; London: Routledge, 2015.

LEWIS, Cady. How Far Have We Come? A Critical Look at LGBTQ Identity in Young Adult Literature. *Language Arts Journal of Michigan*. vol. 30, nº 2, 2015.

LOVE, Heather. Emotional Rescue: the Demands of Queer History. In: *Feeling Backwards: Loss and the Politics of Queer History*. London; Cambridge: Harvard University Press, 2007. p. 31-52.

LUKÁCS, Georg. *The Historical Novel* [1937]. Boston: Beacon Press, 1963.

MALERBA, Jurandir. Os historiadores e seus públicos: desafios ao conhecimento histórico na era digital. *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 37, n. 74, 2017, p. 135-54.

MARTINAC, Paula. Why I Write Historical Fiction. *The Queerest Places*, 12 de janeiro de 2021. Disponível em: <<https://queerestplaces.com/2021/01/12/why-i-write-historical-fiction/>>. Acesso em 29.01.2024.

MATOS, Angel Daniel. A Narrative of a Future Past: Historical Authenticity, Ethics, and Queer Latinx Futurity in *Aristotle and Dante Discover the Secrets of the Universe*. *Children's Literature*. vol. 47, 2019. p. 30-56.

MILLS, Robert. History at large, Queer his Here? Lesbian, Gay, Bisexual and Transgender Histories and Public Culture. *History Workshop Journal*, nº 62, 2006. p. 253-263.

MURPHY, Naoise. Queering history with Sarah Waters: Tipping the Velvet, lesbian erotic reading, and the queer historical novel. *Journal of International Women's Studies*, vol. 22, nº 2, mar. 2021. p. 7-18.

NICOLAZZI, Fernando. Como se deve ler a história? Leitura e legitimação na historiografia moderna. *Varia Historia*. Vol. 26, nº 44. Belo Horizonte, jul/dez. 2010. p. 523-545.

NICOLAZZI, Fernando. Os historiadores e seus públicos: regimes historiográficos, recepção da história e história pública. *Revista História Hoje*, vol. 8, nº 15. p. 203-222. 2019.

NORTON, Rictor [1997]. The Evidence of Things not Seen. In: *The myth of the modern homosexual: queer history and the search for cultural unity*. London: Bloomsbury, 2016. p. 148-179.

OHARA, João Rodolfo Munhoz. Ética, escrita e leitura da história: os problemas da expectativa e da confiança. *Rev. Hist.* nº 178. São Paulo, 2019.

PENN, Donna. Queer: Theorizing Politics and History. *Radical History Review*. nº 62, 1995. p. 24-42.

PHILLIPS, Mark Salber. *On Historical Distance*. New Haven; London: Yale University Press, 2013.

PHILLIPS, Mark Salber. *Society and Sentiment: Genres of Historical Writing in Britain, 1780-1820*. New Jersey: Princeton University Press, 2000.

REIS, Diana C. C. *A Literatura de ficção histórica na construção do conhecimento histórico*. (Relatório de Estágio) Mestrado em Ensino. Instituto de Educação, Universidade do Minho. Portugal, 2013.

RICOEUR, Paul. L'écriture de l'histoire et la représentation du passé. *Annales HSS*. Paris, nº 4, 2000. p. 731-747.

RODWELL, Grant. *Whose History? Engaging History Students through Historical Fiction*. Austrália: University of Adelaide Press, 2013.

ROGEL, Avner. History of Exclusion: Queer Representation in Israeli High School Textbooks. *Comparative Educational Review*. vol. 67, nº 3, ago. 2023. p. 486-508.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHRAMM, Luanda. Comunidades interpretativas e estudos de recepção: das utilidades e inconveniências de um conceito. In: JACKS, N.; SOUZA, C. J. de. (orgs.) *Mídia e recepção: televisão, cinema e publicidade*. Salvador: Edufba, 2016. p. 12-31.

SEBASTIAN, Cat. A Chat With Cat Sebastian About Writing Queer Characters in Historical Romance. [Entrevista concedida a] FAIRCLOTH, Kelly. *Jezebel*, 16 de fevereiro de 2018. Disponível em: <<https://jezebel.com/a-chat-with-cat-sebastian-about-writing-queer-character-1823034046>>. Acesso em 29.01.2024.

SEBASTIAN, Cat. In Cat Sebastian's Queer Historical Romances, Fighting For Change Is Part of the Happy Ending. [Entrevista concedida a] EDEL, Victoria. *Popsugar*, 30 de junho de 2023. Disponível em: <<https://www.popsugar.com/entertainment/cat-sebastian-interview-49215108>>. Acesso em 29.01.2024.

SOUZA, Francisco G. de; GAIO, Gécica G.; NICODEMO, Thiago L. Uma lágrima sobre a cicatriz: O desmonte da Universidade pública como desafio à reflexão histórica (#UERJResiste). *Revista Maracanan*. nº 17, jul./dez. 2017, p. 71-87.

TAYLOR, Charles. *Multiculturalism and the Politics of Recognition*. New Jersey: Princeton University Press, 1992.

TOMLINSON, Carl M.; TUNNEL, Michael O.; RICHGELS, Donald G. The Content and Writing of History in Textbooks and Trade Books. In: TUNNEL, M. O.; AMMON, R. (orgs.) *The Story of Ourselves: Teaching History Through Children's Literature*. New Hampshire: Heinemann, 1993. p. 51-64.

Wallace, Laura K. 'My History, Finally Invented': Nightwood and Its Publics. *QED: A Journal in GLBTQ Worldmaking*. vol. 3, nº 3., 2016. p. 71-94.

WATERS, Sarah Ann. *Wolfskins and togas: lesbian and gay historical fictions, 1870 to the present*. Ph.D. thesis. Queen Mary and Westfield College, University of London, 1995.

WEINHARDT, Marilene. Romance histórico: das origens escocesas ao Brasil finissecular. In: WEINHARDT, M. (orgs.) *Ficção Histórica: teoria e crítica*. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2011. p. 13-56.

WHALEN, Kacey. *A consumption of gay men: navigating the shifting boundaries of m/m romantic readership*. Dissertação (Masters of English). College of Liberal Arts & Social Sciences. Illinois: DePaul University, 2017.

WHITE, Hayden. *The Practical Past*. Illinois: Northwestern University Press, 2014.

WILLIS, Ika. *Reception*. London; New York: Routledge, 2018.

WYLIE, Scott S. Uncovering and Destabilizing Heteronormative Narratives in World History Textbooks. In: HICKMAN, H.; PORFILIO, B. J. (orgs.) *The New Politics of the textbook: Problematizing the Portrayal of Marginalized Groups in Textbooks*. Rotterdam; Boston; Taipei: Sense Publishers, 2012. p. 129-148.

Apêndices

Apêndice 1: Bestsellers de Ficção Histórica LGBTQ+ pela Amazon, em 17-20 de dezembro de 2023.

	Título ⁴	Autor (País)	Publicação	Período histórico	LGBTQ+
1	<i>In Memoriam</i>	Alice Winn (EUA)	Knopf, 2023	I Guerra Mundial	G
2	<i>The House of Doors</i>	Tan Twan Eng (MY)	Bloomsbury, 2023	Malásia, 1920 Colonialismo inglês	G
3	<i>Fingersmith</i>	Sarah Waters (GB)	Riverhead, 2002	Inglaterra, século XIX	L
4	<i>The Sweetness of Water</i>	Nathan Harris (EUA)	Little, Brown and Company, 2021	Estados Unidos Guerra Civil Americana	G
5	<i>Virgin Flight</i>	E. V. Bancroft (GB)	Butterworth, 2023	II Guerra Mundial	L
6	<i>The New Life</i>	Tom Crewe (GB)	Scribner, 2023	Inglaterra, 1894	G, L
7	<i>Our Hideous Progeny</i>	C. E. McGill (GB)	Doubleday, 2023	Inglaterra, 1850	L
8	<i>The Secret Lives of Country Gentlemen</i>	KJ Charles (GB)	Sourcebooks Casablanca, 2023	Inglaterra, 1810	G
9	<i>The Disaster of Drury Lane</i>	Merry Farmer (EUA)	2023	Inglaterra, 1817	G
10	<i>After Sappho</i>	Selby Wynn Schwartz (EUA)	Liverlight, 2023	1895, 1902, 1923	L
11	<i>Golden Terrace</i>	Cang Wu Bin Bai (CN)	Peach Flower House, 2022	China, Dinastia Zhou	G
12	<i>Life Mask</i>	Emma Donoghue (IE)	Harper Perennial, 2004	Inglaterra, década de 1790	L
13	<i>Pull of the Stars</i>	Emma Donoghue (IE)	Back Bay Books, 2021	Irlanda, 1918 Gripe Espanhola	L
14	<i>We Could Be So Good</i>	Cat Sebastian (EUA)	Avon, 2023	Estados Unidos, 1950	G
15	<i>The Imperial Uncle</i>	Da Feng Gua Guo	Peach Flower House, 2023 [2009]	China antiga, s/d	G
16	<i>Learned by Heart</i>	Emma Donoghue (IE)	Little, Brown and Company, 2023	Inglaterra, 1805	L
17	<i>My Policeman</i>	Bethan Roberts (GB)	Penguin Books, 2021 [2012]	Inglaterra, 1950	G, B
18	<i>The Persian Boy</i>	Mary Renault (GB)	Open Road Media, 2013	Macedônia 333 - 323 a.C.	G
19	<i>Carmilla</i>	Joseph Sheridan Le Fanu	1871	Austria, século XIX	L
20	<i>The Mercies</i>	Kiran Millwood Hargrave (GB)	Little, Brown and Company, 2020	Noruega, 1617	L
21	<i>The Scottish Boy</i>	Alex de Campi (EUA)	Unbound, 2020 paperback	Inglaterra e Escócia, 1333	G

⁴ Alguns títulos se repetem na lista, pois referem-se a edições ou formatos diferentes. Os dados duplicados foram omitidos além do título, para melhor compreensão geral dos temas.

22	-	-	e-book	-	-
23	<i>A Nobleman's Guide to Seducing a Scoundrel</i>	KJ Charles (GB)	Sourcebooks Casablanca, 2023	Inglaterra, 1823	G
24	<i>A Seditious Affair</i>	KJ Charles (GB)	Loveswept, 2015	Inglaterra, 1819	G
25	<i>Western Blue</i>	Suzie Clark (EUA)	Bold Strokes Books, 2023	Estados Unidos, 1868	L
26	<i>The Scottish Boy</i>	-	-	-	-
27	<i>Briefly, A Delicious Life</i>	Nell Stevens (GB)	Scribner, 2022	Inglaterra, 1838	L
28	<i>Beck and Call</i>	Annick Trent	2021	Inglaterra, Era Vitoriana	G
29	<i>A Fashionable Indulgence</i>	KJ Charles (GB)	Loveswept, 2015	Inglaterra, 1819	G
30	<i>A Seditious Affair</i>	-	-	-	-

Apêndice 2: Títulos de Ficção Histórica LGBTQ+

<i>A Fashionable Indulgence</i>	KJ Charles
<i>A Gentleman's Position</i>	KJ Charles
<i>A Lady for a Duke</i>	Alexis Hall
<i>A Nobleman's Guide to Seducing a Scoundrel</i>	KJ Charles
<i>A Seditious Affair</i>	KJ Charles
<i>After Sappho: A Novel</i>	Selby Wynn Schwartz
<i>All to Pieces</i>	David Greene
<i>An Unseen Attraction</i>	KJ Charles
<i>An Unsuitable Heir</i>	KJ Charles
<i>Backwards to Oregon</i>	Jae
<i>Beck and Call</i>	Annick Trent
<i>Brideshead Revisited</i>	Evelyn Waugh
<i>Carmilla</i>	Joseph Sheridan Le Fanu
<i>Confessions of the Fox: a Novel</i>	Jordy Rosenberg
<i>Daughters of the Deer</i>	Danielle Daniel
<i>Fellow Travelers</i>	Thomas Mallon
<i>Fingersmith</i>	Sarah Waters
<i>Golden Terrace</i>	Cang Wu Bin Bai
<i>Honey</i>	Mariel Pomeroy
<i>In Memoriam: A Novel</i>	Alice Winn
<i>Last Night at the Telegraph Club</i>	Malinda Lo
<i>Learned by Heart</i>	Emma Donoghue
<i>Life Mask: A Novel</i>	Emma Donoghue
<i>Maurice</i>	E. M. Forster
<i>Mercies</i>	Kiran Millwood Hargrave
<i>My Policeman</i>	Bethan Roberts
<i>One Night in Hartswood</i>	Emma Denny
<i>Orphan #8: A Novel</i>	Kim van Alkemade
<i>Our Hideous Progeny</i>	C. E. McGill

<i>Perfect Peace</i>	Daniel Black
<i>Pull of the Stars</i>	Emma Donoghue
<i>Scottish Boy</i>	Alex de Campi
<i>Swimming in the Dark</i>	Thomasz Jedrowski
<i>The Absolutist</i>	John Boyne
<i>The Bluestocking Beds Her Bride</i>	Fenna Edgewood
<i>The Boy in the Rain</i>	Stephanie Cowell
<i>The Cape Doctor</i>	E. J. Levy
<i>The Catch Trap</i>	Marion Zimmer Bradley
<i>The Devil Between Us</i>	S. C. Wilson
<i>The Disaster of Drury Lane</i>	Merry Farmer
<i>The Great Mistake</i>	Jonathan Lee
<i>The House at Lobster Cove</i>	Jane Goodrich
<i>The House of Doors</i>	Tan Twan Eng
<i>The Lawrence Browne Affair</i>	Cat Sebastian
<i>The Liberators of Willow Run</i>	Marianne K. Martin
<i>The New Life</i>	Tom Crewe
<i>The One Who's Gonna See You Through</i>	John Steven Welch
<i>The Paying Guests</i>	Sarah Waters
<i>The Perfect Crimes of Marian Hayes</i>	Cat Sebastian
<i>The Persian Boy</i>	Mary Renault
<i>The Prophets</i>	Robert Jones Jr.
<i>The Secret Lives of Country Gentlemen</i>	KJ Charles
<i>The Sins of Jack Branson</i>	David Schulze
<i>The Song of Achilles</i>	Madeline Miller
<i>The Sweetness of Water</i>	Nathan Harris
<i>Think of England</i>	KJ Charles
<i>Virgin Flight</i>	E. V. Bancroft
<i>We Could Be So Good</i>	Cat Sebastian
<i>While England Sleeps</i>	David Leavitt

